

Dossiê Podáali e a Maloca Casa de Conhecimento

Valorização da Música Baniwa

Narra passagens do Projeto Podáali e da Maloca Casa de Conhecimento, idealizada pelo mestre Luis Laureano da Silva, Baniwa Hoohodene de cerca de 60 anos, e executado pela comunidade de Itacoatiara-mirim, na Zona Comunitária Indígena de São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazonas.

Busca apresentar como a maloca e a música constituem aspectos centrais dos rituais baniwa e como elas vêm sendo utilizadas por uma comunidade indígena periurbana para reposicionar-se no mundo, expandindo-o. Aponta como o Projeto Podáali e a Maloca estão abrindo e reforçando canais de comunicação e transmissão de conhecimentos numa dimensão vertical, no que diz respeito à relação com os ancestrais míticos e com as passagens dos ciclos de vida, e outra horizontal, no que diz respeito ao manejo das relações com os “outros”, com o mundo dos brancos.

Depois de ao menos 200 anos de forte repressão aos Baniwa e aos outros 22 povos do Alto Rio Negro a Maloca Casa de Conhecimento e as atividades que ela realiza vem ganhando cada dia mais destaque entre as iniciativas de reafirmação e salvaguarda do Patrimônio Imaterial dessa região, por estimular a música, os cantos, as danças, as narrativas, a cultura material e todo o universo sobre o qual ela atua, sendo um *arquivo* de toda a história e, ao mesmo tempo, sua transmissão.

Organização: Adeilson Lopes da Silva (ISA), Moisés Luis da Silva (ACICC) e Deise Lucy Montardo (UFAM).

São Gabriel da Cachoeira (AM), Brasil, Fevereiro de 2012.

Realização:



PPGAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - UFAM

Parceiros:

Patrocínio:

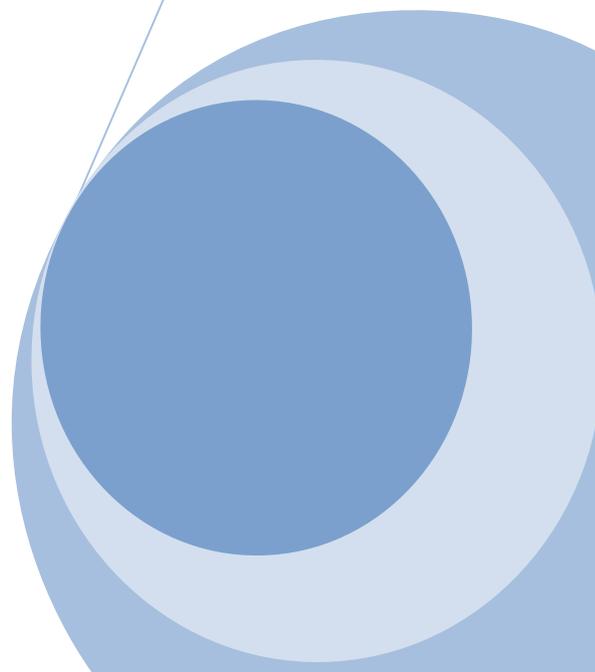


PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Ministério da
Cultura

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



O orgulho de ser Baniwa e a luta para não perder sua cultura - por Moises Baniwa

Enviado por Carolina Martins/ISA em setembro 15th, 2008 - Conhecimentos Tradicionais Inovar para Avançar: propondo novas formas de salvaguarda aos direitos intelectuais coletivos dos povos indígenas

Fonte: <http://ct.socioambiental.org/itacoatiaralmoises>



Durante o debate do primeiro dia da oficina em Itacoatiara-Mirim (04/08), Moises Baniwa fez uma fala comovente sobre a importância do projeto Podáali. Abaixo segue a transcrição de suas palavras, para as quais tomei a liberdade de lhe emprestar o título que abre este post.

"Hoje em dia não temos mais o cantinho da fogueira na maloca para contar história. O tempo tá passando e a gente tem que lidar com esse tempo. Eu conversei com o meu pai e perguntei:

_ De que maneira vocês conseguiram aprender e manter essa cultura até hoje? Eu acho que eu devo continuar a ser um conhecedor da nossa realidade. Meu pai respondeu:

_ No nosso tempo, as pessoas tocavam direto na maloca e nos intervalos a gente aprendia a tocar com outras pessoas. Nunca os nossos pais nos chamaram para aprender, a gente tava sempre próximo de quem estava benzendo. Em outra comunidade a gente também ia e via outro benzimento. Mas uma parte da gente aprendeu com os pais também. Mas hoje em dia não tem isso mais. Para aprender tem que estar junto com a gente ou perguntar o que é isso, como faz isso, ... Se você diz "Quero aprender a tocar o Japurutu", então a gente senta e te explica.

Mas hoje em dia é tudo apagado. O pai vai para roça e os filhos estão aqui. Eu acompanhava meu pai. Deixei de acompanhar meu pai, quando fui para a escola. Comecei a ser danado e brincalhão com todo mundo, mas na escola eu saía calado. Com seis meses eu tava apanhando na escola. Por quê? Eu saí de uma comunidade para uma escola. As crianças que estudavam comigo não eram mais como na minha comunidade, eram mais avançadas. Quando eu vi que não tava certo, saí para beber, fazer coisas na rua. Então eu percebi que: eu estou longe da minha cultura e parei de praticar essas coisas. Parei de estudar porque estava indo muito longe. Comecei a perguntar para o meu pai e cheguei num ponto: É preciso ajudar a comunidade. É preciso segurar as crianças.

Se a gente chega em uma escola de São Gabriel da Cachoeira onde eu já estudei, e fala de uma cultura indígena, todo mundo sai achando graça. Por exemplo, se eu disser que sou índio, eles acham graça. Quando tem uma apresentação da comunidade, muitos índios não falam mais de onde vêm, com medo de serem chamados de índio na cidade. Eu posso estar em qualquer lugar no Brasil, eu não deixarei de ser índio. Mas outros índios que estarão morando na cidade não dizem que são índios mais. Uma vez falei para eles: quando a gente fizer uma festa, vou convidar vocês, para verem como é possível manter a tradição.

Um rapaz me falou que ele escreveu que era de São Gabriel de Cachoeira, mas não declarou que era índio, e por isso não conseguiu bolsa de estudo. Eu acho que se você quiser mudar e ser um japonês, você não vai conseguir. Você pode até falar japonês, mas não vai mudar e ser japonês. Eu vi a comunidade Itacoatiara mais ou menos assim. Hoje em dia tem um som alto, o pessoal vai na Pop Star direto (bar da cidade). Isso faz cultura da gente? Não faz. Fico pensando, então, em puxar os jovens com calma, para que daqui a uns trinta anos...

Isso aqui (o projeto Podáali) não é para gente, mas para as gerações Baniwa, do Ayari, do Içana. Um dia eles vão precisar. Hoje em dia a gente já precisa. Hoje em dia todo mundo fala de dinheiro. A gente tá perto da cidade, todos vão parar na escola, alguns na universidade, outros ficam desempregados e podem até se tornar uns moleques da rua. A essa altura a cultura já está perdida. Com esse trabalho, mesmo um desempregado não vai procurar beber, mas fazer as artes indígenas, acompanhar o pai na roça e gerar uma renda para eles. Quando tiver uma oportunidade pode encontrar o CD na maloca e relembrar a cultura. É por isso que estamos pensando em fazer essa filmagem".



Poder da internet comparado ao poder dos pajés

Fonte: <http://ct.socioambiental.org/itacoatiara/>

Após a rodada de apresentações, Fernando explicou que o projeto Conhecimentos Tradicionais visava promover uma discussão sobre como as novas tecnologias podem beneficiar ou prejudicar os povos indígenas, que, cada vez mais, se utilizam de recursos audiovisuais para registrar e fazer circular sua cultura. Repassamos a programação e, a cada fala, os mais jovens se revezavam na tradução para a língua Baniwa.

Em uma das traduções Adeilson – que já conhece a comunidade há mais tempo – “pescou” a palavra Malikai na fala deles e perguntou qual a relação da programação da oficina com essa palavra.

Os jovens explicaram que, quando foram traduzir a programação do segundo dia, dedicada à discussão sobre novas tecnologias, como a Internet, ilustraram o debate na língua Baniwa de uma forma que os velhos entendessem. Explicaram que os pajés quando curam um doente, vão atrás de almas que podem estar muito longe. No mundo dos pajés há várias camadas pelas quais os pajés podem “viajar”. Quanto mais forte é o pajé mais camadas ele pode alcançar.

Nesse contexto, o poder de viajar para lugares distantes e alcançar elementos curativos de forma rápida foi comparado à tecnologia da Internet, que coloca em contato pessoas que estão muito longe uma das outras, em muito pouco tempo. Moisés finalizou: A Internet é como o mundo dos pajés, deixa o mundo bem pequeno.



Fotos: Adeilson L. Silva/ISA

Projetos culturais do Rio Negro (AM) ganham Prêmio Cultura Viva 2007 [21/12/2007 10:49]

Fonte: <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2594>

ISA, Andreza Andrade.

A Coleção *Narradores Indígenas do Rio Negro-Memória Identidade e Patrimônio Cultural* e o Grupo de Dança *Maadzero Keerada Inewikite Irapakape* do Mestre Luiz Laureano Baniwa, ambos projetos culturais indígenas desenvolvidos em São Gabriel da Cachoeira (AM,) em parceria com o ISA, ganharam o prêmio Cultura Viva, edição 2007.



Coleção *Narradores Indígenas* é um dos premiados

A iniciativa do Ministério da Cultura mapeia e premia ações de grupos ou organizações públicas e privadas que fomentam a diversidade cultural do Brasil. Os projetos do Rio Negro ficaram em 2º lugar, nas categorias grupo informal e organização da sociedade civil. A cerimônia de entrega do Prêmio aconteceu em Brasília, quarta-feira, 18 de dezembro e contou com a presença do ministro Gilberto Gil e de representantes das iniciativas vencedoras.

A Coleção *Narradores Indígenas do Rio Negro* reúne narrativas de autoria indígena sobre os mais importantes mitos de criação, história dos povos, explicações de benzimentos de cura ou proteção contra doenças, a visão indígena do contato com os brancos em versões repassadas por avôs e pais às

futuras gerações. Alguns narradores já falecidos deixaram aí sua memória viva. O público-alvo são as mais de 300 comunidades indígenas do Rio Negro. A publicação da coleção foi assumida pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, com apoio do ISA, para valorizar a diversidade cultural da região, onde vive uma população indígena de mais de 35.000 pessoas. A partir de um marco inicial nos anos 1980, a Coleção já conta com 8 volumes publicados. O próximo está previsto para lançamento no segundo semestre de 2008.



Mestre Luiz Laureano Baniwa comanda o grupo de dança e música tradicionais

O grupo de dança *Maadzero Keerada Inewikite Irapakape* do mestre Luiz Laureano Baniwa surgiu pela saudade que a comunidade de Itacoatiara-Mirim, vivendo no perímetro urbano da cidade desde 1985, manifestava do seu lugar de origem, o rio Ayari, local onde os costumes e tradições Baniwa, como danças e cantos são presentes. Comandados pelo mestre Luiz Laureano, o grupo, formado por crianças, jovens, adultos e velhos, cria oportunidade para a revitalização da transmissão de conhecimentos de músicas e danças tradicionais dos Baniwa. Pois valoriza a expressão artística desse povo frente a uma realidade urbana em que quase 90 % da população é indígena e não dispõe de espaço e oportunidade para manifestar suas tradições. Por essa razão, Itacoatiara-Mirim está erguendo uma maloca tradicional na própria comunidade, no intuito de obter um espaço para apresentações e encontros.

Confira abaixo os vencedores do Prêmio Cultura Viva 2007, anunciados na noite da cerimônia de premiação:

Categoria Escola Pública de Ensino Médio

1º lugar: Projeto Cultura Casca Verde (Teresina-PI).

2º Lugar: Projeto Rádio Instrumental Educativa CBM (Serra-ES).

3º lugar: Projeto Pedagógico em Escola Pública – Brasileirinho, os Tons da Aquarela Cultural de nosso país (Rio de Janeiro-RJ).

Categoria Fundação ou Instituição Empresarial

1º lugar: Projeto História da Gente (Ribeirão Preto-SP).

2º lugar: Ação Educativa de Bienal do Mercosul (Porto Alegre-RS).

3º lugar: Cultura e Cidadania (Timóteo-MG).

Categoria Gestor Público

1º lugar: Programa de Artesanato da Paraíba “A Paraíba em suas mãos” (Água Branca-PB).

2º lugar: Rede Cidadania de Londrina (Londrina-PR).

3º lugar: Projeto Talentos da Cultura (Fortaleza-CE).

Categoria Grupo Informal

1º lugar: Meninas de Sinhá: Experiência Cultural Comunitária (Belo Horizonte-MG).

2º lugar: Maadzero Keerada Inewikite Irapakape: Grupo de Danças Baniwa do Mestre Luiz Laureano (São Gabriel da Cachoeira-AM)

3º Lugar: Rede do Movimento de Teatro Amador da Bahia (Alagoinhas-BA).

Categoria Organização da Sociedade Civil

1º lugar: Rede Enraizados (Nova Iguaçu-RJ).

2º lugar: Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro- Memória, Identidade e Patrimônio Cultural (São Gabriel da Cachoeira-AM)

3º lugar: Rabecas da Amazônia: Preservação e Ensino (Bragança-PA).

Categoria Ponto de Cultura

1º lugar: Centro Cultural Kanhgág Jãre (Ronda Alta-RS).

2º lugar: Maracatu Piaba de Ouro (Olinda-PE).

3º lugar: Humbiumbi – Raízes Africanas (Belo Horizonte-MG).



Índios comemoram a inauguração da maloca Casa de Conhecimento

[13/09/2008 09:40]

Fonte: <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2747>

ISA, **Andreza Andrade**.

Símbolo da valorização cultural de povos indígenas que vivem próximos à cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), noroeste amazônico, a maloca baniwa “Casa de Conhecimento”, da comunidade de Itacotiara-Mirim, é inaugurada depois de dois anos de construção.



Maloca Casa de Conhecimento, recém-inaugurada na comunidade de Itacoatiara-Mirim, em São Gabriel da Cachoeira, noroeste amazônico

Desde o início da formação da comunidade de Itacoatiara-Mirim, as famílias baniwa lideradas por Luíz Laureano, sempre procuraram manter vivas as tradições dos seus antepassados. Mas embora ali houvesse um centro comunitário para acolher manifestações culturais, ritos religiosos e tradições, os baniwa sentiam necessidade de ter um local, uma grande casa comunal como tinham seus antepassados, onde várias famílias viviam, tomavam decisões políticas, celebravam rituais de dança, de benzimentos e de iniciação. Seria o “espaço ideal” para motivar toda a comunidade a participar de atividades culturais e um contraponto às situações de risco - alcoolismo, drogas, prostituição, suicídios e outros - às quais os jovens indígenas estão expostos na cidade.

Assim, em 2005, Itacoatiara-Mirim organizou uma reunião com lideranças locais para discutir a construção desse espaço. “Era um sonho do meu pai, falecido há pouco tempo, construir a maloca para que pudéssemos matar saudade da nossa terra, dançando e cantando com crianças e velhos”, conta Laureano. “É na maloca que vamos nos reunir para contar histórias de antigamente, dizia meu pai”.

O arquiteto e urbanista Almir Oliveira, pesquisador associado ao Instituto Socioambiental e estudioso da arquitetura tradicional do Alto Rio Negro, foi convidado a contribuir no desenho e na construção da maquete do que viria ser a tão sonhada maloca. Projeto pronto e planta nas mãos, ainda faltava o financiamento para a construção. Pequenos projetos em busca de apoio foram enviados e a construção acabou viabilizada com recursos da Cafod (Agência

Católica para o Desenvolvimento), do ISA, da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), da Escola Agrotécnica Federal e da Prefeitura Municipal de São Gabriel da Cachoeira. O Prêmio Cultura Viva 2007, do Ministério da Cultura, que o grupo de danças de Itacoatiara-Mirim ganhou por conquistar o segundo lugar na categoria “grupo informal”, também foi um grande incentivo. [Saiba mais](#) sobre o prêmio. O grupo foi formado por Luiz Laureano ao tempo em que foi capitão, tuxaua da comunidade, e ganhou reconhecimento local, nacional e internacional ao dançar em Paris, durante as comemorações do ano do Brasil na França, em 2005.

Mas o fundamental para a concretização do projeto foi o esforço da comunidade que durante dois anos organizou mutirões de trabalhos nos quais crianças, jovens e velhos trabalharam juntos somando forças para erguer a maloca que passou a ser chamada de “Maloca Casa de Conhecimento”.

Espaço de transmissão de cultura

“A Maloca Casa de Conhecimento é um espaço de transmissão e aprendizagem da nossa cultura para quem não a conhece ou esqueceu. Lá iremos conversar, contar histórias de antigamente, reviver nossos costumes de comer juntos a quinhapira e o mingau pela manhã. Vamos dançar, fazer nossos próprios instrumentos, mostrando aos jovens como os antigos faziam” explica Laureano. “A Casa de Conhecimento também irá receber parentes que virão do Içana para compartilhar conosco as notícias de nossos familiares que ficaram por lá, para dançar e conversar. Será como uma escola que irá passar conhecimento”.

Transformar o espaço em uma “maloca-escola” está nos planos para o futuro. A comunidade planeja discutir como será o projeto político-pedagógico da Casa, para assim atender as crianças e jovens locais e também os das comunidades vizinhas. Serão as gerações futuras, de acordo com Moisés Laureano, presidente da Acicc (Associação Cultural Indígena Casa de Conhecimento), filho de Luiz Laureano, que manterão vivas as tradições dos baniwa. “Os jovens indígenas que estão perto da cidade precisam se interessar pela nossa cultura. A cachaça, a televisão, as coisas ruins da cidade já influenciaram demais, e assim vemos nossos filhos, irmãos mais novos, envolvidos com bebedeiras, brigas e outras coisas”, diz Moisés. “Eles também sofrem com o desemprego. Às vezes, eles nem terminam seus estudos, não conseguem emprego e ficam vagando por aí. Esses jovens, não estão formados nem na cultura do branco e muito menos na nossa cultura indígena. A maloca irá ensiná-los a sobreviver conforme nossos costumes, fazendo artesanato, trabalhando na roça, pesquisando as plantas e outras atividades”.

Outra conquista da comunidade foi a formação da Acicc, fundada em maio desse ano. A associação teve sua origem relacionada diretamente com o empenho da comunidade em construir a maloca, trazendo união e espírito de cooperativismo entre todos. A comunidade entendeu que é necessário se organizar, criar uma associação para dar os próximos passos na ampliação do projeto da Casa de Conhecimento, que prevê a estruturação de uma praça comunitária no entorno da maloca.

A grande festa de inauguração

O *madzero* Luiz Laureano comandou a festa de inauguração entre 3 e 5 de setembro passados. *Madzero* significa em baniwa mestre das cerimônias, aquele que comanda essas festas. As danças se revezavam entre o cariçú baniwa e o cariçú dos tukano e tuyuka. Jovens e crianças participaram o tempo todo puxando as danças e fazendo a alegria do *madzero*. A dança da saúva, tipicamente baniwa, foi uma novidade para os que não a conheciam. O par de flautas japurutu era tocado com muita habilidade, com a experiência daqueles que receberam ensinamentos repassados há várias gerações. Também não faltou caxiri, a bebida tradicional feita de caldo de mandioca fermentado.



Grupo de dançarinos comandados por Luiz Laureano (à esquerda) se apresenta durante a inauguração da maloca

Na primeira noite, a convidada de honra foi a comunidade São José do Rio Ayari, que ofereceu um Dabucuri (troca de presentes) para Itacoatiara-Mirim em agradecimento. Outro grupo convidado, foi o Wese, formado por índios tuyuka que vivem na cidade e também realizam apresentações de danças. Na última noite, os integrantes do Wese homenagearam o *madzero* Luiz com a dança do Macará.

Apesar da intensa programação das noites, mal amanhecia o dia e o sino já tocava anunciando o mingau coletivo da manhã. Logo após, começava a programação diurna basicamente composta por práticas de esportes indígenas e não-indígenas. Povoados próximos a Itacoatiara-Mirim também participaram

da comemoração com seus grupos de dançarinos e de esportistas. No último dia, houve a entrega dos prêmios para as equipes vencedoras.

A comunidade indígena encosta na cidade

“O nome da comunidade em baniwa é *Kapithinai*, quer dizer quati. Um padre que freqüentava minha comunidade quando eu ainda morava lá no Ayari, me falava de uma cidade que ficava abaixo de Manaus que se chamava Itacoatiara, e aquele nome ficou na minha memória. Então eu disse pra mim mesmo, quando eu tiver um sítio vou chamá-lo de Itacoatiara. Quando nos mudamos pra cá, eu batizei como Itacoatiara-Mirim. Mirim, porque é uma pequena comunidade. Itacoatiara-Mirim significa em nhengatú “pequena pedra pintada”, conta Laureano. É nesse lugar, às margens da estrada que leva ao aeroporto e ao porto de São Gabriel, que vivem 22 famílias.



Luiz Laureano e sua família. Ao fundo, a maloca quando estava sendo construída

A comunidade surgiu 20 anos atrás, quando a família de Luiz Laureano, baniwa do clã Hohodone, migrou da comunidade Camarão, no Rio Ayari, rumo à cidade de São Gabriel. De acordo com Luiz, o principal motivo que os levou a sair de sua comunidade de origem foi a busca de melhores condições de vida.

“As nossas comunidades cresceram muito, aí começou a faltar peixe, caça e terra para plantar roça. Não tinha onde comprar pequenos objetos como fósforo, sabão, panelas. Para ir até São Gabriel ou Mitú (na Colômbia) e voltar para nossa comunidade era quase um mês a remo. Naquele tempo não tínhamos motor rabeta, gasolina e barco. Não tinha escola para meus filhos e assim a situação ficou cada vez mais difícil. Por isso resolvemos mudar para a cidade”.

Luiz Laureano conta que no início foi difícil, pois a família precisava se acostumar ao novo ambiente. Apesar de um pouco afastados da cidade, acabaram vivenciando uma realidade que não era a deles. “A minha maior preocupação era com as crianças que agora estavam perto da cidade. Eu não gostaria que elas esquecessem dos ensinamentos dos mais antigos”. Estabelecido na cidade, o grupo procurou a prefeitura de São Gabriel que cedeu um lote de terra para se instalarem na zona periurbana, a 11 km do centro da cidade.

Degradação ambiental

Depois de anos vivendo na região, os recursos naturais ficaram mais escassos e boa parte de área de roça, caça e de pesca da comunidade sofreu impactos ambientais, principalmente por conta de obras que a Comara (Comissão dos Aeroportos da Amazônia), órgão da Aeronáutica responsável pela construção de aeroportos militares na Amazônia, vem causando nos últimos anos. A ação mais prejudicial foi a retirada de terra e areia na cabeceira do principal igarapé que abastece a comunidade. A contaminação da água devido ao assoreamento do leito, vem trazendo muitas consequências. Uma delas é o alto índice de malária e diarreia que atinge sobretudo as crianças e os mais idosos.

“Publicamos uma carta endereçada à Comara, reivindicando reparos na área degradada e solicitando compensação por danos causados à nossa comunidade. Eles prometeram ajudar, mas já faz um ano que esperamos a resposta da carta que protocolamos na Comara e até o momento nada foi feito. Nossos igarapés estão assoreados, nossa área de roça e caça está com grandes erosões”, informa Moisés Laureano. (*Leia quadro abaixo*).

Outro agravante é a retirada desordenada de madeira na área da comunidade. As estradas que foram abertas pela Comara para retirada de areia, facilitou a entrada de madeireiros na floresta que extraem madeira sem nenhum tipo de licença ou permissão da comunidade.

Recentemente com a elaboração do Plano Diretor do município, a comunidade de Itacoatiara-Mirim foi classificada como “zona comunitária indígena”. Portanto, essas áreas têm como objetivo garantir a permanência das formas de uso e ocupação do solo segundo costumes, usos e tradições das comunidades que vivem nelas e junto com o poder público devem planejar o seu espaço de ocupação. Mesmo não pertencendo a uma terra indígena, a comunidade poderá pensar junto com o município o futuro para sua área. “Precisamos sentar com outras comunidades que também são zonas comunitárias indígenas para pensar o uso do nosso território. Para não acontecer de uma

comunidade usar todos os recursos sozinha. Quase não temos recursos perto das nossas comunidades, precisamos pensar uma forma sustentável de uso” relata Moisés.

Mesmo que a predominância seja baniwa, atualmente vivem em Itacoatiara-Mirim pessoas de outras etnias como tukano, wanano, cubeu, siriano, desana. Migraram de várias regiões do Rio Negro e pediram acolhida a Luiz Laureano para viverem em Itacoatiara-Mirim. A convivência com outros povos na comunidade fez com que Laureano aprendesse outras línguas além de baniwa e português. Ele fala nhengatú, pira-tapuia, tukano, wanano, cubeu e espanhol. Todas as famílias convivem harmoniosamente. Reconstruíram suas vidas próximas à cidade abrindo roças, coletando frutos e pescando eventualmente, já que o rio fica muito distante dali.

Algumas pessoas da comunidade admitem que precisam da cidade para sobreviver, afinal, essa foi a causa das migrações. É na cidade que fazem compras, adquirem bens, vendem artesanatos, mantêm relações sociais. Mas reconhecem que a proximidade não significa que esqueceram sua cultura por estarem inseridos no contexto urbano. Luiz Laureano diz sabiamente que sendo São Gabriel uma cidade e uma cidade praticamente indígena, os dois mundos podem conviver harmoniosamente. "Só depende da iniciativa de valorização dos saberes tradicionais de grupos como o de Itacoatiara-Mirim".

Carta aberta da comunidade de Itacoatiara-Mirim

A Comunidade Indígena de Itacoatiara-Mirim, localizada na Zona Comunitária Indígena da Estrada de Camanaus/km-10 próximo ao trevo do aeroporto Uaupés em São Gabriel da Cachoeira, vem por meio desta carta informar para toda a sociedade e principalmente para a Comara (Comissão de Aeroportos da Região Amazônia), que entre os anos de dois mil á dois mil e quatro, devastaram uma área ambiental para retiradas das piçarras para reformar a pista do Aeroporto. Este lugar onde extrairam as piçarras fica a quatrocentos metros da Comunidade e isso causou problemas para comunidade, porque a área degradada está localizada na cabeceira do principal igarapé da região e na época de chuva a lama escorre para o igarapé que as pessoas da Comunidade utilizam diariamente como: para tomar banho, lavar roupa, buscar água para cozinhar e beber.

A Comunidade possui 22 famílias e cerca de 120 moradores, etnias baniwa, tuyuka e barassana. Aquele igarapé possui duas cachoeiras atrás da comunidade, aonde as pessoas da cidade vinham acampar no fim de semana. Mas depois que o igarapé torno-se lama às pessoas da cidade abandonaram a cachoeira e até os próprios moradores da comunidade. Depois desse acontecimento o Agente de Saúde preparou um poço de água (de dois metro de fundura) próximo do igarapé, mas não resolveu os problemas da Comunidade. No ano de 2002 a Prefeitura abriu um poço de nove metros para a comunidade, e esse poço é insuficiente e apenas usado na época de muita chuva pois seca muito facilmente e as pessoas da comunidade voltam pegar água do igarapé. Hoje em dia os moradores da

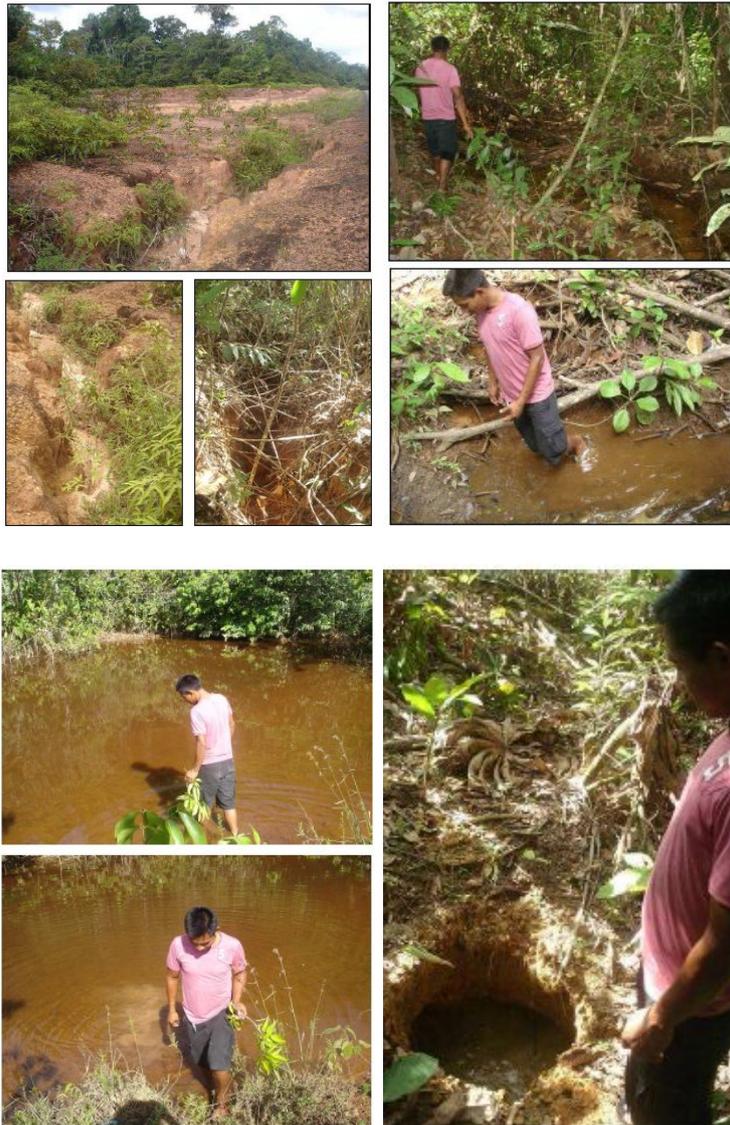
comunidade tomam banho de vasilha num açude de criação de peixes. A temperatura da água é de 34 C° que impedem o nosso costume de tomar banho na água fria do igarapé.

Como reconhecimento a comunidade Itacoatiara-Mirim, solicita que a Comara aceite essas problemas citadas acima e que as seguintes providências sejam tomadas:

1. abrir e equipar um poço artesiano profundo para a Comunidade. Contamos que a sete anos a comunidade utilizam água suja e tem causado muitas doenças como principalmente a Malária e Diarréias.
2. que a Comara repare o dano ambiental onde foi degradado através do plantio de mudas de árvores nativas. A Comunidade está disposta a colaborar com isso.
3. que a Comara respeite a obrigação constitucional (artigo 225) tanto de prevenir como de reparar danos ambientais nas obras que ela realiza no alto Rio Negro.

Finalizamos com nossos considerações e respeito ao meio-ambiente!

São Gabriel da Cachoeira-Am, 01 de novembro de 2007. (Seguem assinaturas)



Danos provocadas pela COMARA: vossorocas em área de roça, lago e igarapé assoreados por 1m de sedimentos e poço alternativo aberto pelo agente de saúde. Fotos: Adeilson L. Silva/ISA.

A Escola que desenterrou as flautas

sex, 12/11/10

Fonte: <http://g1.globo.com/platb/natureza-isa/2010/11/12/a-escola-que-desenterrou-as-flautas/>

Por Adeílson Lopes da Silva (*)



Detalhe de flautas do tipo Carriço (flautas de pan) que são afinadas com água.
Foto: Adeilson Lopes da Silva/ISA, 2007

Muitos dos pequenos igarapés (riachos), como os que formam o rio Içana, na terra dos índios [Baniwa](#), no alto rio Negro, noroeste amazônico, abrigam uma infinidade de flautas, instrumentos que embalam rituais, festas e toda uma gama de celebrações realizadas secularmente pelas comunidades indígenas da região.

As flautas são acomodadas nestes corpos d'água, entre uma cerimônia e outra, com o intuito de protegê-las, preservá-las, ou até mesmo melhorar suas qualidades sonoras. Das mais simples às mais sofisticadas, as flautas e as danças que elas embalam estão repletas de significados e cercadas pelo ensinamento de comportamentos necessários para a vida dos povos indígenas. As melodias quase sempre encerram narrativas de como as pessoas devem se comportar em sociedade e no mundo.

Algumas dessas flautas são dotadas de imenso poder e, por isso, exigem um manuseio extremamente especializado. Elas são os próprios corpos de deuses

ancestrais capazes de, ao serem tocadas, transformar profundamente as pessoas e o mundo onde elas vivem. Para os Baniwa, por exemplo, a expansão do mundo em que vivemos hoje, se deu concomitantemente ao ressonar do corpo-flauta de uma de suas principais divindades, *Kowai*.

Em um de seus mais importantes rituais, quando os jovens são preparados e passam para a fase de vida adulta, os Baniwa necessitam expor os meninos às flautas sagradas *Kowai*. Todas as plantas que fornecem as ceras, as fibras e demais partes utilizadas no fabrico dessas flautas sagradas tiveram origem nas cinzas do próprio corpo de *Kowai*, queimado logo depois de ter realizado o primeiro ritual de iniciação desse povo, e de ter ensinado como as futuras gerações deveriam realizar essa cerimônia.

Quando o ritual se inicia, uma conexão vertical no cosmo liga diretamente este mundo em que vivemos ao mundo de profunda sabedoria onde vive *Kowai*. Devido à importância religiosa central das flautas (leia-se da música) e das danças na vida religiosa dos Baniwa do rio Içana essas práticas tiveram que se confrontar com missionários católicos e evangélicos, que quase sempre nelas identificaram pontos de discordância com o evangelho cristão que buscavam difundir aos povos indígenas.

Os velhos baniwa, sobretudo do médio rio Içana, contam que na década de 1950, com a chegada da missionária evangélica estadunidense, Sophie Muller, e com a conversão massiva desse povo à sua doutrina, as flautas tiveram de ser depositadas pela última vez nos pequenos igarapés, talvez para o repouso eterno. Deveria ser feito um esforço para que as flautas e as danças caíssem no esquecimento.

A Escola Pamáli: 10 anos

Para surpresa de muitos, meio século de silêncio se passou até que, em 2004, o som de algumas dessas flautas despertou os corpos e ouvidos de muitos Baniwa do médio rio Içana. Isso se deu durante a formatura da primeira turma de alunos do ensino fundamental da [Escola Indígena Baniwa Coripaco – Pamáli](#).

[Fundada pelos Baniwa, com apoio do ISA e da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro](#) (Foirn), a escola tem como pilar a escolarização dos Baniwa e Coripaco com base no respeito aos valores e tradições desse povo. A escola é fruto da obstinação dos Baniwa pela oferta de um ensino de qualidade para suas novas gerações, e respaldada pelos novos direitos que a Constituição brasileira outorgou aos povos indígenas a partir de 1988.



Formatura da primeira turma de ensino fundamental, dezembro de 2004. Foto: Acervo EIBC

Algumas flautas sagradas dos Baniwa também estão prestes de serem desenterradas por uma comunidade que vive na zona comunitária indígena de São Gabriel da Cachoeira, a comunidade de Itacoatiara-mirim. Neste que é considerado o município mais indígena do Brasil, e onde os índios foram proibidos de serem índios por quase três séculos, com resultados considerados dramáticos, essa comunidade construiu uma maloca e retomou a realização de várias de suas festas tradicionais. Ao desenterrar as flautas sagradas, que deixaram depositadas nas cabeceiras de alguns igarapés da antiga comunidade do rio Içana havia 23 anos, os Baniwa pretendem retomar também os seus rituais de iniciação. Para o mestre de maloca Luis Laureano, principal protagonista dessa história, os jovens indígenas que nascem em São Gabriel precisam reaprender que são índios e se orgulhar disso como condição para se livrarem dos vícios que hoje em dia mais os ameaçam: álcool, drogas e ondas de suicídio que, por vezes, são noticiadas na região. Esse será um passo ainda mais profundo na trajetória de revalorizar antigas tradições, e uma aposta de peso dos Baniwa em carimbar o passaporte para o futuro sem deixar de olhar para trás. Ouvidas com admiração, sobretudo pelos mais jovens, as flautas baniwa vêm cumprindo o objetivo de expandir o mundo novamente, mundo baniwa adentro, depois de meio século de silêncio.

(*) Ecólogo e assessor do programa Rio Negro do ISA

4 Comentários para “A Escola que desenterrou as flautas”

1. *Francois Aquino*: [13 novembro, 2010 as 2:11 am](#)

Parabens pelo artigo Adeilson Lopes da Silva!

Eu acredito que eh muito importante para o povo brasileiro se orgulhar de suas raizes, principalmente no norte do pais onde sofremos muito com o preconceito de sermos indiginas. Eu sou amazonense de Manaus, porem moro em Chicago, EUA e sou muito orgulhoso das minhas raizes. Infelizmente eu nao sei precisamente a qual etnia meu pai pertencia. Ele nasceu em Fonte Boa, mas mudou para Manaus para que pudessemos ir a escola. Eu realmente gostaria muito de saber mais a respeito dos povos indigenas da regioao de que ele eh originario e descobrir minhas verdadeiras origens. Eu ficaria muito agradecido por qualquer dica de livros, artigos ou qualquer informacao a respeito.

Muito obrigado!

Francois

2. *Carlos Alberto da Silva Cucco*: [13 novembro, 2010 as 6:08 pm](#)

Parabens aos indígenas e aos representantes do ISA pelo resgate destas tradições dos povos tradicionais. Temos muito o que aprender com esses Brasileiros. Obrigado

3. *tania beer*: [30 janeiro, 2011 as 1:24 pm](#)

Sopros de esperança

4. *Adeilson Lopes da Silva*: [25 abril, 2011 as 11:46 pm](#)

Pessoal,

Fico feliz que tenham gostado do artigo, e muito agradecido pelos elogios.

Essa história de reencontro de boa parte dos Baniwa com sua tradição musical (e religiosa) vai ser contada, em breve, em documentário que eles próprios estão produzindo em São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro/AM. Daremos notícias!

Francois...creio que a melhor dica que eu posso te oferecer, já que vc vive em Chicago, é visitar o site Povos Indígenas no Brasil criado pelo ISA e muitos parceiros e colaboradores com o propósito de reunir verbetes com informações de todos os povos indígenas que habitam o território nacional, além de textos, tabelas, gráficos, mapas, listas, fotografias e notícias sobre a realidade desses povos e seus territórios. Comece por Kokama, ou Ticuna...mas no médio e alto solimões você vai encontrar um universo fascinante e riquíssimo de povos, para conhecer e se reconhecer. Muito obrigado!

Adeilson Lopes da Silva/ISA

Projeto “ Podáali: valorização da música Baniwa” e a Maloca Casa do Conhecimento - narrativa de um processo de transformação dos lugares do mundo¹.

Moisés Luiz da Silva – Gestor do Projeto Podáali, Presidente da ACICC (Associação Cultural Indígena Casa de Conhecimento).

Deise Lucy Oliveira Montardo – Etnomusicóloga-Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Adeilson Lopes da Silva – Ecólogo - Instituto Socioambiental (ISA).

Introdução

Este texto narra o envolvimento dos autores com o Projeto Podáali, idealizado por Luis Laureano da Silva, Baniwa Hoohodene de cerca de 60 anos, e executado pela comunidade de Itacoatiara-mirim, uma comunidade peri-urbana localizada na Zona Comunitária Indígena de São Gabriel da Cachoeira, e constituída em grande parte por famílias baniwa oriundas da comunidade de Camarão no médio rio Ayari, há cerca de vinte e três anos. Tratamos aqui da música como um aspecto central na atividade dos rituais baniwa e como ela vem sendo utilizada por uma comunidade peri-urbana para reposicionar-se no mundo, expandindo-o. Nossas observações apontam para aspectos da música atuando de forma vertical, no que diz respeito à relação com os ancestrais míticos e com as passagens dos ciclos de vida, e outra horizontal, no que diz respeito ao manejo das relações com os “outros”, contribuindo para a fundação de um território baniwa em São Gabriel da Cachoeira, sem contudo perder o pertencimento ao rio Ayari.

Do Ayari a São Gabriel da Cachoeira, por uma roça na terra firme

Moisés Luiz da Silva, filho de Luis Laureano e um dos autores do artigo, foi um dos três jovens iniciados em 1985, na última vez que foi realizado o ritual de iniciação com flautas sagradas Kowai na comunidade, no Ayari. Depois da realização deste ritual as flautas sagradas foram submersas num igarapé próximo à comunidade de Camarão e lá ficaram. Logo em seguida, os donos dessas flautas sagradas passaram a navegar o rio Içana e o rio Negro, chegando até o município de São Gabriel da Cachoeira para vender e trocar seus produtos com os comerciantes. Quando chegaram à cidade começaram a vender e trocar o que haviam trazido. Após venderem seus produtos, cogitaram de passar mais alguns dias na cidade, e alguns procuraram trabalho no comércio afim de garantir a compra de mantimentos para o retorno à comunidade de Camarão.

¹ Este artigo foi escrito para o livro "Rotas de Criação e Transformação: Narrativas de origem dos povos indígena do rio Negro" a ser publicado pelo ISA/FOIRN em julho/2011, encontrando-se ainda em revisão. Favor não divulgar sem consulta prévia aos autores, sendo muito bem vindo qualquer comentário a esta versão.

Mas aqueles poucos dias na cidade se converteriam mais tarde em uma migração. O que iniciara como uma entre outras viagens feitas para comprar coisas, das quais necessitavam na comunidade, se transformou. Naquele tempo, o senhor Laureano Joaquim, pai de Luis Laureano e capitão da comunidade de Camarão, resolveu voltar para o Ayari. Os seus filhos mais velhos, Luis e Mario, no entanto, optaram por ficar na cidade para trabalhar. Como tiveram dificuldade em conseguir emprego, passaram a morar no sítio de um cunhado deles (marido de Dona Laura, filha do Sr. Laureano que já residia na cidade), no km 13 da estrada de Camanaus, próximo ao Aeroporto Uaupés. Quando chegaram no sítio do cunhado, este os levou para outro sítio que possuía, localizado na cabeceira da pista do aeroporto, na beira do igarapé do Uniuá. Foi reservado ali um terreno de terra firme para Luis e Mario, se quisessem, fazerem suas roças. Luis se animou com a oferta e começou, no dia seguinte, a roçar, no início, na pequena área apontada pelo cunhado, ampliando em seguida, para a derrubada de um hectare.

Enquanto esperava a secagem da derrubada, Luis morou durante dois meses em outro sítio, localizado abaixo do porto de Camanáus, próximo à foz do igarapé do Miuá. Neste tempo Luis aproveitou para fazer uma canoa, que serviria de transporte no retorno ao Ayari, à comunidade de Camarão, já que o seu pai havia retornado com a canoa que os conduzira até ali.

Depois destes dois meses Luis voltou para o sítio do cunhado, na cabeceira da pista de aviação, desta vez para queimar a área derrubada. Em seguida começou a plantar a roça com sua esposa, Dona Luzia, e seus filhos. Ao terminar o plantio da roça Luis resolveu voltar para Camarão, subindo dois meses entre o rio Negro, Içana e Ayari. Quando chegaram de volta em Camarão se esqueceram da roça que haviam feito em São Gabriel.

Três meses depois chegou em Camarão uma carta da Dona Laura, avisando que a roça feita por eles em São Gabriel já estava coberta de capim, e que as bananas estavam maduras. Luis não acreditou no conteúdo desta carta. Achou muito rápido, menos de cinco meses, para ter acontecido tudo isto. Ele achou que a carta havia sido criada pelos portadores. Uma semana depois, porém, ele recebeu outra carta da Dona Laura, trazida por outras pessoas. Ele então começou a acreditar que era tudo verdade e pediu ao filho mais velho, Feliciano, que fosse de carona até São Gabriel para verificar como estava aquela roça. Feliciano desceu de Camarão pegando carona com garimpeiros, levando duas semanas até São Gabriel, onde, ao chegar, se hospedou na casa da sua tia Laura, no bairro Costa e Silva.

No dia seguinte, Feliciano pegou carona com os comerciantes que transportam mercadorias do porto de Camanaus, foi até a roça, e viu que realmente estava madura. Feliciano permaneceu em São Gabriel por três semanas e, quando surgiu uma carona com o pessoal de Vila Nova do rio Ayari, retornou à Camarão.

Ao chegar, o seu pai Luis perguntou pelas notícias, ao que respondeu contando sobre a boa produtividade da roça e das plantas. Luis ficou em silêncio por um minuto, sem saber o que falar para o filho. Ficou muito alegre com a notícia trazida e, a partir daí, começou a organizar a viagem para realizar a colheita.

Desceram três semanas pelo rio Içana e rio Negro até a cidade, onde a família permaneceu por uma semana, enquanto sr. Luis construía um barraco na cabeceira da pista de aviação para ficar perto da roça, conforme o costume baniwa. Nesta vinda de Camarão, a intenção era, inicialmente, apenas fazer a colheita da roça, haja vista que eles deixaram os seus pertences na comunidade. Porém, o retorno para Camarão não aconteceu e a família veio toda para a cabeceira da pista onde começaram a se reunir para decidir o futuro do grupo.

Muitos questionamentos eram feitos quanto às dificuldades enfrentadas por eles em Camarão, entre elas a de deslocamento para as cidades mais próximas, contando, à época, apenas com remo. Mesmo possuindo uma rabeta e motor 15 hp, eles não tinham combustível. As duas cidades eram São Gabriel, no Brasil, e Mitú, na Colômbia, além das duas missões salesianas, Assunção do Içana e Iauareté, no Uaupés. Outra grande dificuldade eram os solos pobres da comunidade de Camarão, no médio Ayari, que se situava numa zona extensamente dominada por igapós e caatingas, sendo dos ambientes mais oligotróficos do Alto Rio Negro, e onde as famílias enfrentavam grandes dificuldades para estabelecer suas roças. Uma situação muito diferente daquela encontrada nas terras firmes agora cultivadas em São Gabriel da Cachoeira.

O grupo, comandado pelo seu Laureano Joaquim, decidiu, então, permanecer na cabeceira da pista de aviação por um ano. Entretanto, como corriam risco naquele lugar porque os aviões passavam por cima das barracas, mudaram-se para uma distância de 300 metros da pista. “Moramos um ano atrás da pista, foi quando recebemos a notícia da FUNAI de que teríamos que sair dali com urgência porque as crianças andavam pela pista quando o avião pousava; então as crianças corriam risco de acidente” (Luis Laureano da Silva). Funcionários da FUNAI foram até o local conversar pessoalmente com o grupo do Laureano Joaquim para alertar dos perigos daquele lugar para as crianças. Isso aconteceu em 1989, quase uma década antes da demarcação física das terras indígenas do Alto Rio Negro. Como alternativa, o prefeito de São Gabriel, na época, cedeu uma área no km 45 da estrada de Cucui. O grupo, no entanto, não quis se mudar porque era muito distante da cabeceira da pista, onde eles já possuíam suas roças.

Em 1990 a Prefeitura de São Gabriel negociou, com um funcionário dela própria, um terreno para que o grupo do seu Laureano Joaquim pudesse permanecer mais próximo de suas roças, na entrada do Aeroporto. Em 1992, a Prefeitura cedeu uma área de 450 metros de frente por 900 metros de fundo, no km 10 da estrada da Camanaus, próximo à entrada do Aeroporto de Uaupés, onde está localizada a atual comunidade de Itacoatiara-mirim.

O grupo gostava muito de dançar, ao modo como praticavam quando viviam no Ayari, sempre liderados pelo seu Laureano Joaquim, mestre da equipe. Um ano depois da fundação de Itacoatiara-mirim a equipe recebeu um convite da COIAB para apresentar a dança tradicional baniwa, representando a calha do rio Içana, comandando uma comitiva baniwa junto com as equipes da comunidade de Ucuqui-cachoeira, também do rio Ayari.

De 1993 prá cá seu Laureano se dedicou a formar novos mestres para as futuras gerações da comunidade de Itacoatiara-mirim. Como eles não possuíam o conjunto de instrumentos completo, assim como lá na comunidade de Camarão, ele ensinava apenas com os instrumentos que ele tinha na comunidade: carriçu, mawacu, japurutu. Seu Laureano também narrava história das músicas, isto tudo na sua própria casa, pois não tinha um espaço específico para esta atividade. Mas os jovens da comunidade não se interessavam muito pelos ensinamentos do seu Laureano. Os que mais se interessavam eram os filhos mais velhos: Luis Laureano e Mario Felicio Joaquim, bem como os netos mais velhos. Os mais jovens pensavam que seu Laureano ficaria eternamente ensinando a todos na hora que quisessem. Todas as vezes que ele os chamava para ensinar na sua casa, ele dizia: “você são os futuros líderes da comunidade. Daqui há algum tempo não estarei mais aqui ensinando você como agora, ou estarei ouvindo você praticando os meus ensinamentos. E assim serei muito feliz porque vou saber que você estão aqui para aprender comigo e estou transmitindo esse conhecimento para você, o que aprendi com meu pai e meus avós”. Moisés Luis, neto de seu Laureano, reforça que essas pessoas hoje não existem mais neste mundo, sim, já morreram há tanto tempo. E complete dizendo que “você nem chegaram a conhecer essas pessoas. Mas os conhecimentos que ele me passou estão aqui comigo, vivos na minha memória, e acredito que você também que daqui uns tempos você serão multiplicadores desse conhecimento para nova geração desta comunidade”.

Depois da equipe do Seu Laureano ter se apresentado no Teatro Amazonas em 1993, começaram a receber outros convites para se apresentar em cerimônias de abertura dos principais eventos da cidade. Um desses eventos foi a recepção do então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, no pátio do 1º BEC (Batalhão de Engenharia de Construção) do exército, em 1996, quando o mesmo recebeu da FOIRN o pedido de agilização do processo de demarcação das terras indígenas da região. Com essas apresentações o grupo ficou conhecido e recebeu outros convites. Foi daí que surgiu a idéia de construir um espaço específico para ensinar e apresentar as danças. Na "origem do pensamento de construir uma maloca na comunidade de Itacoatiara-mirim", a preocupação era sobre como construir a maloca. Mestre Laureano e Luis, seu filho mais velho, foram os principais idealizadores dessa construção. Começaram a pensar e pensar em como seria a construção da maloca e como ela funcionaria quando estivesse pronta.

No início de 1994, começaram a se reunir para, em mutirão, tirar esteios, caibros, ripas e cipós. A comunidade inteira estava entusiasmada. Infelizmente a maloca não foi construída à época, porque eles não tinham como transportar as palhas e as peças para a estrutura e cobertura da maloca. Mas a comunidade continuava recebendo visitantes e realizando danças no seu centro comunitário. Luis Laureano conta que um dos critérios que sempre eram observados para a inclusão de novos moradores que se apresentavam para povoar a comunidade era o gosto declarado pelas danças e músicas tradicionais indígenas do rio Negro. Acreditava que se os moradores gostassem de dançar e de tocar seus instrumentos a vida poderia seguir bem melhor para todos na comunidade.

No Tempo dos Projetos

A primeira experiência da comunidade com projetos foi em 2001, quando começaram escrever um projeto para o PDPI. Mas, como relata Moisés: “ na verdade nós éramos inocentes em projeto. Ninguém sabia por onde começar e terminar. Cada um se perguntava: - como devemos escrever nosso Projeto? - Será que vão aceitar nossa proposta? - Ninguém sabe, vamos fazer do nosso jeito, se eles quiserem aceitar nosso projeto aceita, senão, ficamos por aqui”. E nos formulários do PDPI haviam umas perguntas que ninguém compreendia, tais como: justifique seu projeto. Justificar o projeto... eles se perguntavam como justificar o projeto; e ninguém sabia o objetivo do projeto. Tentaram escrever, mas não concluíram, e desistiram no meio da caminhada. Moisés relata então:

“Diante disso as pessoas da comunidade começaram a criticar que tínhamos desviado recurso do projeto. Começaram a acreditar nas mentiras, e todos os membros da comunidade ficaram revoltados, pois queriam saber para onde foi que desviamos os recursos. Como ninguém concluiu o projeto e nem mandamos para o PDPI, ficamos no nosso costume caçando e pescando.

Dai apareceu o ISA na comunidade, com propósito de conduzir um experimento de plantio de arumã. E começamos uma nova conversa com o pesquisador responsável pelo experimento. Mostramos para ele o nosso projeto escrito no formulário do PDPI, e ele explicou detalhe por detalhe para nós, mas também ninguém conseguiu fazer. Mais uma vez paramos na metade do caminho. Pensamos em parar de fazer projeto, porque as conseqüências referentes ao projeto estavam se tornando um problema sério com as pessoas da comunidade, que acreditavam que projeto, uma vez que ele é escrito no papel, já é aprovado ou contemplado. Esse era o pensamentos deles.”

Interessante refletirmos sobre os problemas que tiveram na comunidade a partir do momento em que começaram a escrever os projetos. Silvia Macedo (2009) em seu texto “Xamanizando a escrita”, nos conta de várias situações semelhantes entre os povos ameríndios e interpreta de que haveria aí uma idéia de que a escrita tem poder de comunicação equiparado ao poder xamânico, resultando, portanto em mal entendidos, quando as coisas na prática do mundo dos projetos não são tão diretas. A escrita comunica e faz acontecer, mas tem que haver um acompanhamento por parte do gestor do projeto, para que se efetivem as intenções colocadas nela.

Em 2002 o ISA implementou o primeiro experimento de plantio de arumã na área da comunidade, o qual teve duração e acompanhamento de cinco anos. Moisés foi um dos principais responsáveis pelo acompanhamento desse experimento, do qual também participou Adeilson Lopes da Silva, dois anos depois, durante sua pesquisa de mestrado sobre ecologia e manejo de arumã pelos Baniwa.

Em maio de 2003 Adeilson convidou Moisés a ir para o Içana trabalhar como auxiliar de campo na pesquisa dele, ao que Moisés concordou prontamente, interessado em visitar, 18 anos depois, sua terra natal e os parentes que ficaram em Camarão. Durante a viagem Moisés apresentou as idéias que possuíam, de construir uma maloca em Itacoatiara-mirim. Expôs o

interesse nas flautas sagradas que ficaram submersas na comunidade de Camarão, no Rio Ayari, e o interesse de voltar para recuperar essas flautas algum dia. Moisés relata que “quando chegamos na foz do Içana e na foz do Ayari fiquei muito emocionado no coração. E continuamos a nossa viagem no rio Içana até chegarmos na comunidade de Tukumã-rupitá, onde começamos a fazer as pesquisas. Mas o que eu queria mesmo era chegar pelo menos na minha ex-comunidade de Camarão, no Ayari. Na descida para a comunidade de Santa Rosa, quando chegamos na foz do Ayari, pensei de dar uma voltinha rápida em Camarão, e perguntei para Adeilson se nós poderíamos entrar pelo rio Ayari. Mas ele respondeu que não tinha autorização para entrar naquele rio. Ai minha esperança de chegar na minha ex-comunidade ficou para ano de 2006”.

Adeilson, já ecólogo do ISA, assessor nos projetos baniwa, lembra muito bem do entusiasmo e da vontade de re-ativar as flautas e trompetes *Kowai*, instrumentos sagrados dos Baniwa, manifesto pelo Moisés durante aquela viagem. A única lembrança que o Moisés possuía era de quando saiu criança, logo após sua iniciação, no ritual denominado *Kalidzamai*, com apenas 5 anos de idade. Em 2005 o experimento de plantio de arumã foi concluído com sucesso em Itacoatiara-mirim, e a partir daí, passaram a sentar-se Luis, Moisés, André Fernando Baniwa (presidente da Organização Indígena da Bacia do Içana - OIBI e vice-presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN, na época) e Adeilson para formular o novo projeto que a comunidade aspirava encaminhar para possíveis financiamentos. Foi no mesmo ano de 2005, então, o surgimento do “Projeto Podáali: valorização da música baniwa” cujo objetivo era a construção da maloca e criação de oportunidades para valorização, registro e transmissão de conhecimentos de músicas e danças tradicionais pelos Baniwa da cidade de São Gabriel da Cachoeira, incluindo a gravação de um documentário sobre o processo.

O Projeto Podáali foi inscrito na categoria cinema no edital do Programa Petrobras Cultural edição 2005/2006, mas infelizmente não foi contemplado. Nesse mesmo ano o ISA apresentou uma proposta mais simplificada para a agência católica para o desenvolvimento (CAFOD), somente para compras de alguns materiais não encontrados na comunidade, como palhas de caraná, caibros e esteios. Com esse recurso começaram a levantar a primeira maloca, que recebeu o nome de “Casa de Conhecimento”. A maloca foi construída em dois anos. Neste interim, em 2006, uma comitiva da comunidade, liderada pelo mestre Luis Laureano, voltou à comunidade de Camarão para uma vigília às flautas, constatando que muitas delas ainda permaneciam lá, e em bom estado de conservação.

Em maio de 2007 inscreveram o projeto no Prêmio Cultura Viva 2ª edição, obtendo segundo lugar na premiação. Com esse prêmio concluíram a construção da maloca e realizaram uma bonita festa de inauguração.

Nesse mesmo ano, em agosto, recebíamos a notícia de que o projeto, que fora reformulado pela professora Deise Lucy Oliveira Montardo, da Universidade Federal do Amazona - UFAM, havia sido finalmente contemplado no edital do Programa Petrobras Cultural, na categoria de Patrimônio Imaterial.

Deise Lucy entrou na história quando passou a atuar como professora de Antropologia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em 2006 e foi apresentada, por Luiza Garnelo, à liderança André Baniwa, na época vice-presidente da FOIRN. Tendo realizado sua pesquisa de doutoramento sobre a música guarani (Montardo 2009), um dos grupos indígenas mais populosos do Brasil e que habita também nos territórios da Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia, ao vir para o Amazonas, procurava um campo de pesquisa na região. Ao ler o projeto, Deise Lucy ficou maravilhada, pois o mesmo apresentava todas as características para ser contemplado com o edital da Petrobrás que encontrava-se aberto.

O projeto apresentava como objetivo geral “criar oportunidades para a valorização e transmissão de conhecimentos de músicas e danças tradicionais aos Baniwa residentes em São Gabriel da Cachoeira” e como objetivos específicos “1. construir e equipar uma maloca que sirva [servisse] de espaço de transmissão de conhecimento de músicas e danças tradicionais aos jovens Baniwa na cidade de São Gabriel da Cachoeira e 2. realizar um documentário cinematográfico sobre a trajetória da música e da dança tradicional Baniwa dos últimos séculos a partir da experiência de uma comunidade que vê na valorização desses elementos uma oportunidade de enfrentar os atuais desafios para sua autodeterminação no ambiente do maior núcleo urbano do noroeste amazônico.”

O projeto previa ainda uma expedição a comunidade de origem, ao Rio Ayari pois, segundo o texto, “alguns membros da comunidade, principalmente os mais velhos, tem manifestado o desejo de regressar ao Ayari e reencontrar suas flautas. Para alguns talvez isso represente um desejo de despedida, uma última chance em suas vidas de ouvir e fazer ecoar tais sons adormecidos.”

Consultado sobre a possibilidade de enviar o projeto para o Edital de Patrimônio Imaterial da Petrobrás que encontrava-se aberto, André autorizou que se fizesse a submissão, centrando na construção da maloca, na expedição ao Ayari e na realização de um documentário com o mesmo tema.

Nesta ocasião já estavam em contato Adeilson e Deise Lucy. Tomamos, em conjunto, a decisão de colocar como proponente a FOIRN, contando já com a criação da Associação Cultural Indígena Casa do Conhecimento (ACICC), de Itacoatiara-Mirim, que seria a executora do projeto. O *máaazero* (mestre da maloca) Luis Laureano da Silva foi o idealizador do projeto, e seu filho Moisés Luiz da Silva tem atuado como gestor fazendo todos os trâmites burocráticos junto a Petrobrás, FUNAI, e outras instâncias. Após a aprovação do projeto pelo edital da Petrobrás, o mesmo teve que passar pela aprovação na Lei Rouanet, mecanismo criado pelo governo federal para que empresas possam ter seu imposto de renda aplicado em projetos culturais que estejam autorizados a captar recursos com base na referida lei.

Chamamos a atenção aqui para as implicações de um projeto cujos proponentes são os próprios indígenas. Neste caso, por exemplo, o Conselho Nacional de Cultura, exigiu a aprovação da FUNAI para que o projeto tramitasse na Lei Rouanet, tendo como requisito a anuência com a assinatura de um representante legal dos “Baniwa”. O vice-presidente da FOIRN, André Fernando, ficou resistente a pedir tal autorização. Foram escritas cartas

mostrando o ridículo da situação, o indígena pedindo autorização para ele mesmo. Mas os trâmites burocráticos que o tempo inteiro nos remetem aos romances de Franz Kafka “O Castelo” e “O Processo”, foram mais rapidamente resolvidos com a emissão da permissão da FUNAI.

Nos últimos quatro anos tivemos a oportunidade de acompanhar o processo da Casa de Conhecimento, ou maloca de Itacoatiara-Mirim, desde que era projeto com objetivo de ser um ponto de encontro indígena, uma referência para os povos do Alto Rio Negro quando estão em São Gabriel da Cachoeira, até sua construção e efetiva realização destes objetivos.

A maloca Casa de Conhecimento e a música baniwa atuando no mundo

Estávamos na cidade no mês de abril de 2009, nas vésperas do dia 19, quando se comemora no Brasil o “Dia do índio”, e pudemos presenciar a pressão exercida pelos órgãos da prefeitura para formatar a maloca a regras difundidas no curso universitário de turismo, através de assessores do prefeito, tendo em vistas as comemorações da data. Estes chegaram na maloca com uma lista de procedimentos que supostamente o Mestre Luis e seus companheiros deveriam seguir, entre os quais constavam, por exemplo, a utilização de toucas e luvas pelas mulheres que fazem a comida e servem o caxiri, bem como a cobrança de uma taxa de entrada. Mestre Luis e Moisés reagiram com uma negativa e neste momento foi importante terem sido protagonistas em todo o processo de construção, pois não deviam nada para a prefeitura e puderam atuar autonomamente. A resposta de mestre Luis para a secretaria de turismo foi baseada na definição de *Podáali*, de ritual de troca. Quando eles viajam pelos rios, chegam na casa dos parentes, comem e bebem. Querem receber os parentes que vem dos rios da mesma maneira. O processo de construção da maloca foi baseado neste princípio.

Em outro momento, a permanência da comunidade nas terras onde se situa foi ameaçada pela intenção do Comando da Aeronáutica, que pretendia construir neste mesmo local um hotel de trânsito. A presença da Maloca Casa de Conhecimento, segundo seus idealizadores, foi um dos motivos de fortalecimento da comunidade em resistir a essa empreitada e convencer os militares a mudar de idéia.

Até aqui apontamos os aspectos menos conflituosos do projeto Podáali. Há, porém, um outro que diz respeito as interdições que cercam as flautas *Kowai*, do qual passamos a tratar agora. As flautas *Kowai* são correspondentes, entre os Baniwa, das flautas e trompetes do *Jurupari*, conhecidos na literatura por serem sagradas, interditas à visão das mulheres e crianças.

Koch-Grünberg (2005), em sua expedição pelo Alto Rio Negro, realizada entre 1903 e 1905, ao fotografar e solicitar exemplares destes instrumentos para compor coleções de museus, recebeu como recomendação expressa não permitir, sob hipótese alguma que, mulheres da região as vissem durante sua viagem. É importante ressaltar, no entanto que, as mulheres e crianças devem escutá-las.

Jonathan Hill, que pesquisa há muito anos os Wakuenái, glossado como “povo com o qual falamos”, na Venezuela, correspondentes aos Baniwa, no Brasil, e que incluem várias fratrias, entre elas os Hohódeni, aos quais pertencem as famílias de Itacoatiara-mirim, enfatiza em seus trabalhos o papel fundante das flautas e trompetes sagrados *Kowai*, que inauguram os lugares habitados pelos Baniwa (1993). Hill (1993) propõem que neste universo há um amálgama entre mito e música e que na conformação do território há como um cordão umbilical a partir do começo no rio Ayari (“o centro do mundo”). Os instrumentos incorporam o poder dos ancestrais míticos e fundam novos lugares que se transformam em território do grupo. Nas palavras de Hill, “a habilidade de produzir sons musicais nos instrumentos sagrados provê homens e mulheres com o poder de mediar as distâncias sociais entre a masculinidade e a feminilidade adulta e entre grupos de pessoas que falam línguas e dialetos diferentes. Categorias de seres sociais linguística e culturalmente separadas são compreendidas e controladas simbolicamente como uma expansão musical do mundo, dinâmica historicamente.”

Em outro ensaio Hill (2004) explora dois gêneros de cerimoniais inter-relacionados entre os Wakuénai. Em uma das danças coletivas, segundo ele “linhas de homens e mulheres dançam o abrir e o fechar da boca do jaguar simbolizando o poder do grupo local para controlar relações de troca e casamentos com outros grupos”. Hill nos mostra então como os Wakuénai constróem musicalmente duas dimensões de espaço tempo, corporal, social e cosmicamente. Uma vertical, que trata da relação com os ancestrais míticos e com as passagens dos ciclos de vida, e outra horizontal, que trata das relações de troca e casamentos, que abrem as relações com “outros”.

Kowépani ou a dança de *Kowai*, “é um processo de continuidade e regeneração social que se segue através de movimentos de poderes ancestrais simbolicamente mediados de uma geração para outra de homens adultos e movimentos complementares de homens individualmente ao passo que eles progridem nos estágios de desenvolvimentos do ciclo de vida.” Nesta parte do ciclo ritual mulheres e crianças permanecem reclusas na maior parte do tempo.

No *podáali*, o outro gênero cerimonial, há a participação de homens e de mulheres e também do grupo visitante que traz alimentos como presente. O grupo visitante é classificado como afin (casáveis ou cunhados), e no desenrolar da cerimônia as distâncias entre os grupos locais distintos vão se relaxando e ocorre a transcendência das fronteiras entre eles.

Uma característica comum aos trabalhos sobre música e ritual na região, tais como os de Hugh- Jones (1979) sobre os Barasana, Piedade (1997) sobre Yepemasã, Journet (1995) sobre Curipaco e o já citado Hill sobre Wakuenái é a perplexidade diante da interdição da visão das flautas por parte das mulheres e crianças. Os autores citados, no entanto, atentam para a necessidade da audição das mesmas por parte de todo o grupo. Os estudos destes instrumentos por parte de vários autores, despertam diretamente questões relacionadas a gênero e a segredo, temas interessantes a serem aprofundados.

Outra temática que o projeto Podáali desperta é a questão da conversão ou tradução das religiões cristãs por parte dos povos indígenas. Onde ficaram as músicas, os instrumentos sagrados e tudo que diz respeito a estas práticas que foram supostamente abandonadas no forte processo de conversão ocorrido entre os Baniwa? E como isto está sendo agora pesquisado por eles?

Mestre Luiz e sua esposa Luzia, por exemplo, freqüentam a igreja Adventista. O Luis é um pesquisador, ele estuda os conhecimentos da bíblia, estuda com seus parentes aspectos do xamanismo baniwa, procura visitar museus com acervo da região e traça comparações e paralelos. Dona Luzia, esposa do Luis, quando se despede para ir ao culto adventista diz: “Vou cantar”. A música é um aspecto central na atividade do culto assim como nos rituais “tradicionais” baniwa.

Outro debate que vem à tona quando o assunto é patrimônio imaterial é a questão dos direitos de propriedade. O ISA promoveu, entre 2008 e 2009, seminários de discussão com grupos indígenas que estavam desenvolvendo projetos culturais (Conhecimentos Tradicionais – Inovar para avançar: propondo novas formas de salvaguarda aos direitos intelectuais coletivos dos povos indígenas). A primeira oficina ocorreu em São Gabriel da Cachoeira e teve como foco central o Projeto Podáali (ver <http://ct.socioambiental.org/ltacoatiara/>). Para uma reflexão sobre o assunto ver Andrello (2010). Como este é um projeto criado pelas famílias que residem em Itacoatiara-mirim, houve uma preocupação dos Baniwa, em geral, em relação às flautas *Kowai*. Foi tematizada a pertinência ou não de se filmar as flautas e neste ítem ficou decidido, pelos próprios Baniwa, que qualquer filmagem dos instrumentos seria feita apenas para acervo do grupo. Outra discussão se deu em torno da idéia de se trazer os instrumentos para São Gabriel. A decisão foi de que as atuais condições não permitem tal transporte. Os instrumentos devem ficar submersos em água limpa, condição na qual estão lá no Ayari. Os Baniwa que vivem em Itacoatiara, de tempos em tempos, visitam os instrumentos na comunidade Camarão. Segundo nos contam, de dez em dez anos, eles tem feito excursões para verificar o seu estado. Neste projeto a decisão foi fazer uma expedição e um ritual de iniciação, com o uso das flautas *Kowai* e seu depósito na água novamente. Talvez ainda não seja o momento de trazê-las para São Gabriel, mas de certa maneira, é o momento de atualizar a presença do grupo no mundo.

Foram realizadas, no âmbito do Projeto Podáali, as oficinas de linguagem cinematográfica, com duração de 45 dias, entre dezembro de 2009 e janeiro de 2010, na Maloca do Conhecimento e de edição, em abril de 2011. Os ministrantes da primeira foram Pedro Portella e Petrônio de Lorena e da segunda Hans Denis Schneider. Registramos aqui a inspiração do Projeto Vídeo nas Aldeias, na concepção do modelo bem sucedido de formação dos realizadores indígenas (ver Gallois & Carelli 1995, entre outros).

Em outubro de 2010 foi realizada a expedição para Camarão, no Ayari, com sucesso e apoio de quatro comunidades vizinhas que participaram ativamente da cerimônia ocorrida lá. As flautas foram retiradas do igarapé o seu som ecoou com todo o vigor, de forma impressionante. As interdições foram cumpridas rigorosamente e os *vídeo-makers* formados pelo projeto

Podáali, Paulo e Moisés, sob a vigilância atenta e severa do pajé Mário Joaquim da Silva, da comunidade Pana-panã, puderam registrar somente os sons dos instrumentos sagrados. Os visitantes, mulheres, crianças e homens adultos não-iniciados, puderam ouvir os sons durante a madrugada entre os dias 20 e 21, e na tarde do dia 21. Por volta das três horas da tarde, todos foram pegos de surpresa com algumas mulheres e crianças correndo e chamando com urgência para ir para o mato, pois as flautas estavam vindo. Dona Luzia nos falou em medo e todas as mulheres e o não-iniciados correram para o mato em fila. Durante cerca de duas horas, ouviu-se blocos do soar dos instrumentos *Kowai*. Mais para o final deste período passou-se a ouvir o soar do *kapeti* (chicote). As mulheres chamavam a atenção para o som deste, que foi utilizado entre alguns dos adultos presentes.

Mestre Luis se declarou satisfeito com a expedição e com o apoio que recebeu das comunidades vizinhas. No entanto, disse que, como a viagem foi feita muito em cima da hora, não pôde preparar todos os elementos necessários para o ritual de iniciação, e que quer retornar a comunidade Camarão no próximo ano para passar uns dois meses preparando o ritual.

Em poucas palavras, diante de tantas personalidades (o cozinheiro internacional Alex Atalla, o candidato a vice-presidente pelo PV em 2010, Guilherme Leal, o antropólogo Viveiros de Castro, autoridades do Comando Militar da Amazônia e do Ministérios da Cultura, jornalistas de renome, entre outros que já assinaram o livro ata que Luis atualiza sempre) e público em geral que já passaram pela maloca Casa de Conhecimento de Itacoatiaramirim, e tendo presenciado os eventos na comunidade de Camarão, nos atrevemos a afirmar que o Projeto Podáali está atuando verticalmente e horizontalmente. Ou seja os Baniwa que moram atualmente em Itacoatiaramirim, estão atualizando suas relações com os ancestrais míticos ao executarem seus instrumentos sagrados, numa relação vertical, e atualizando suas relações com o mundo dos brancos, também com este projeto. Mundo dos brancos, na cidade de São Gabriel, principal objetivo na idealização do projeto, tido como reação aos inúmeros problemas enfrentados pelos jovens diante do preconceitos com os indígenas, mas também mundo dos projetos. Acompanhando ainda as elaborações de Hill acreditamos que o Podáali também está fundando São Gabriel da Cachoeira como território efetivamente Baniwa, sem abandonar o pertencimento a Camarão no Ayari.

Analizando as performances musicais promovidas pelos Wakuénai na localidade de San Felipe, em 1981, Hill comenta que eles transpuseram os processos indígenas de musicalização das relações entre os grupos afins dos rituais podáali para as relações políticas com os outros povos indígenas do alto Rio Negro e com os brancos, mestiços e comerciantes da região, promovendo uma certa reciprocidade entre o seu próprio grupo e os potencialmente perigosos “outros”. Naquele caso, com uma forte dose de ironia inclusive diante dos processos de exploração sofridos (1997:153-154). “A maneira de socializar um poder cada vez mais perigoso e alheio e de recapacitar povos que sofreram uma perda sensível de poder é musicalizar o outro. Com a recapacitação primordial das criações míticas de *Kuwai*, o musicalizar o outro consiste em um movimento ascendente na escala de linguagem desde a fala mitificada até os sons poderosos musicais” (Hill 1989 *apud* Wright 1996).

Considerações Finais

Neste sentido nos parece que os Baniwa de Itacoatiara-mirim, com o Projeto Podáali, com a maloca Casa do Conhecimento e a música, estão abrindo e reforçando canais de comunicação e transmissão de conhecimento tanto com os seus ancestrais míticos quanto com o mundo dos brancos. Mas principalmente, podemos perceber que, estão fazendo isto com os outros Baniwa e povos do Alto Rio Negro que tem hoje, em São Gabriel da Cachoeira, um local de referência onde partilhar o caxiri, a música e a dança. Ou seja, está fundado um território baniwa na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Dentre as questões mais relevantes no que diz respeito à salvaguarda do Patrimônio Imaterial da região do Alto Rio Negro, acreditamos que refletir sobre este projeto e a temática que ele encerra será muito importante, pois nas sociedades amazônicas a música, os cantos, as narrativas, são um *archivo* de toda a história e, ao mesmo tempo, sua transmissão. É disso que vem se dando conta, cada dia mais, muitos velhos conhecedores, como Luis Laureano e seu finado pai Laureano Joaquim, que idealizaram o Projeto Podáali e a Maloca Casa de Conhecimento de Itacoatiara-mirim.

Referência Bibliográfica:

ANDRELLO, Geraldo. 2010. Falas, Objetos e Corpos: Autores indígenas no alto Rio Negro. *RBCS* Vol 25 no. 73 junho/2010.

GALLOIS, Dominique & CARELLI, Vicent. 1995. "Vídeo e Diálogo Cultural – Experiência do Projeto Vídeo nas Aldeias." *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 61-72, jul./set.

HILL, Jonathan. 1993. *Keepers of the sacred chants: the poetics of ritual power in an amazonian society*. Tucson: University of Arizona Press.

1997. "Musicalizing" the Other: Shamanistic Approaches to Ethnic-Class Competition along the Upper Rio Negro" . In : SULLIVAN, L. *Enchanting Powers. Music in the World's Religions*. Cambridge: Harvard University.

2004. "Metamorphosis: Mythic and Musical Modes of Ceremonial Exchange among the Wakuénai of Venezuela. In KUSS, Melena (Ed.) *Music in Latin America and the Caribbean: an encycopedic history*. Texas: University of Texas Press.

HUGH-JONES, S. 1979. *The palm and the pleiades: initiation and cosmology in northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.

JOURNET, Nicolas. 1995. *La paix des jardins: structures sociales des indiens curripaco du haut Rio Negro*. Paris: Institut d'Ethnologie.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 2005. *Dois anos entre os indígenas, viagens ao noroeste do Brasil (1903-05)*. Manaus: Edua.

MONTARDO, Deise Lucy O.2009. *Através do Mbaraka: Música, dança e xamanismo guarani*. 1. ed. São Paulo: Edusp, v. 1. 304 p.

PIEIDADE, Acácio Tadeu de Camargo.1997. *Música yepamasa: por uma antropologia da música no Alto Rio Negro*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

WRIGHT, Robin. 1996. *Aos que vão nascer. Uma Etnografia Religiosa dos índios Baniwa*. Tese de Livre-docência. Campinas: Unicamp.



Fotos: Hans Denis Schneider

O manejo do mundo e o ensino superior indígena do Rio Negro

[15/04/2010 17:56]

Fonte: <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3063>

ISA, **Andreza Andrade.**

Terminou ontem (13/4), em São Gabriel da Cachoeira, o seminário sobre o Manejo do Mundo e o ensino superior indígena depois de cinco dias de apresentações, conversas e debates. Ao final, levando em conta os avanços, desafios e dilemas levantados, os índios relacionaram o que querem e o que não querem em relação ao ensino superior do Rio Negro. Antes, porém, um dia inteiro foi dedicado à conversas sobre as pesquisas que vêm sendo realizadas na região e que devem contribuir para a educação superior em debate.

No quarto dia de evento (12/4), na maloca da Foirn, mais uma rodada de conversas reuniu grupos de pesquisadores indígenas e não indígenas que desenvolvem trabalhos conjuntos nas comunidades do Rio Negro brasileiro e do lado colombiano. Eles apresentaram resultados de pesquisas a partir das temáticas sobre manejo de recursos naturais incluindo paisagens florestais/agroflorestais, caça e pesca. Esses trabalhos possuem interfaces com as escolas indígenas diferenciadas, associações indígenas e procuram dar respostas aos desafios e problemas enfrentados pelas comunidades nas questões de segurança alimentar e manejo ambiental de forma sustentável.

Os envolvidos nessas pesquisas são os Aimas (Agentes Indígenas de Manejo Ambiental), alunos das escolas indígenas e membros de associações, ecólogos, agrônomos, antropólogo. O ponto central foi pensar de que forma as experiências já desenvolvidas podem contribuir para uma formação superior no Rio Negro, já que essas pesquisas permitem diálogos iguais entre os conhecimentos indígenas e não indígenas.

Adeilson Lopes, ecólogo do ISA, relatou que pesquisas já realizadas no Brasil sobre paisagens do Rio Negro, como do Radam Brasil (nas décadas de 1970 e 1980) não levaram em consideração a ocupação antiga dos povos indígenas da região que tem conhecimento histórico das suas florestas. “Nesses levantamentos que descrevem a floresta na região do Içana, por exemplo, a visão que eles apresentam é de uma floresta ‘pobre’ sem diversidade e com pouco potencial de exploração. Em nenhuma passagem desses levantamentos existem informações dizendo que fizeram consultas às pessoas da região e os nomes que usam são completamente diferentes daqueles utilizados pelos baniwa” informou, explicou Adeilson.

De acordo com ele, os levantamentos da pesquisa de paisagem do Içana, mostra exatamente ao contrário. Informa a diversidade de classificações, de tipos de plantas usadas para diversos fins (remédio, fibra para utensílios, alimento). “Caso o método adotado pelo Radam na época levasse em consideração o diálogo com os povos que vivem nesta região poderia ter

ajudado a registrar e difundir imagens e interesses como as que o projeto Paisagens recolheu recentemente dos Baniwa que ali vivem”.

Pesquisas realizam diagnósticos sobre recursos naturais

As pesquisas que envolvem o tema recursos pesqueiros desenvolvidas tanto no Tiquié, no Içana e Uaupés, visam diagnosticar os motivos para escassez de peixe na região, tentando criar indicadores de monitoramento e fornecer informação necessária para subsidiar as discussões sobre manejo de peixe. “Há vinte anos, o peixe na minha região era abundante, ninguém passava fome. A partir da década de 80 quando começou a entrar muitos instrumentos de pesca dos brancos na região, como malhadeira, por exemplo, o peixe começou a diminuir. As comunidades não controlavam direito a entrada de outras pessoas nos seus lagos, não faziam benzimentos direito, não tinham mais o controle dos seus lagos, começou a ficar tudo descontrolado. Depois que nossa terra foi demarcada, começamos a nos perguntar o que iria garantir a segurança alimentar das nossas comunidades, porque o peixe começou a ficar mais escasso. Fomos atrás de projetos, achamos aliados e começamos a desenvolver nosso projeto, a partir da observação do nosso calendário ecológico”, explicou Manuel Azevedo, tukano, presidente da Associação das Comunidades Indígenas do Médio Tiquié-Acimet.

Em se tratando de paisagens florestais, as pesquisas classificam e descrevem os tipos de florestas existentes em cada região, aprimorando, junto com os pesquisadores indígenas, técnicas de representação florestal, monitoramento e uso do território. Com a ajuda dos velhos conhecedores os pesquisadores indígenas identificaram as diferentes paisagens encontradas em volta das trilhas entre comunidades. A história de cada trilha é narrada pelos velhos e gravada pelos jovens. Algumas paisagens são consideradas mais importantes que outras e são pesquisadas mais intensivamente. É o caso do caranazal, uma floresta baixa que cresce acima de solos arenosos e contém muitas palmeiras caraná. As folhas de caraná são usadas para fazer os tetos das casas tradicionais e são bastante valorizadas pelos indígenas.

Outra pesquisa participativa envolvendo pesquisadores indígenas e não indígenas foi o acompanhamento das caças no lado do Tiquié colombiano, na comunidade de Santa Isabel. De acordo com Jorge Gonzáles, da Fundação Gaia (entidade colombiana), a pesquisa procurou levantar a situação dos recursos de caça daquela região, descrevendo técnicas de caça antigas e atuais e as percepções que os moradores da comunidade têm sobre a caça de subsistência. “Os moradores participaram da formulação do problema, da metodologia, do registro de informações e de sua análise posterior, de forma que os resultados obtidos serviram de elementos básicos para a elaboração e implementação de alternativas de uso e manejo dos seus recursos naturais”, disse.



Festa na Maloca Casa do Conhecimento Baniwa, em Itacoatiara-mirim encerrou o evento

Encaminhamentos

No último dia do seminário (13/4), os participantes se reuniram em trabalhos de grupos para discutir de maneira geral, os avanços, desafios e dilemas que surgiram durante os cinco dias de discussão. Abaixo alguns dos encaminhamentos tendo em vista a proposta de formação em ensino superior, a partir do tema “Manejo do Mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro”.

O que queremos

- Que seja um ensino superior inovador;
- Que esteja relacionado com o território do Rio Negro;
- Que tenha uma conexão direta com as comunidades indígenas;
- Que possa formar os indígenas da região para pensar o bom futuro das suas comunidades;
- Que parta das experiências que estão sendo desenvolvidas aqui na região, tanto das escolas piloto como de outros processos que acontecem fora das escolas;
- Que atenda toda a região de atuação da Foirn;
- Que seja discutido permanentemente um programa de política lingüística;
- Temos que pensar como trazer para dentro deste ambiente de formação superior uma política de valorização da oralidade;
- Envolvimento dos velhos;

- Proposta de ensino de primeira qualidade nos moldes da academia ocidental, integrado a processos de ensino-aprendizagem tradicional;
- Reconhecimento dos conhecimentos dos outros povos sobre o manejo indígena;
- Redescoberta da influência da natureza no destino/ vida das pessoas;
- As organizações indígenas têm capacidade de criar seus espaços de pesquisas e registros.

O que não queremos

- Que seja somente uma Licenciatura intercultural;
- Que seja somente numa língua;
- Predominância do conhecimento científico;
- Não queremos estruturas burocratizadas.

O encerramento festivo do seminário aconteceu na Maloca “Casa de Conhecimento Baniwa” de Itacoatiara-mirim, que contou com os mestres cerimoniais Tuyuka que apresentaram o ritual “Waso basa” (dança da sorvinha).

O próximo seminário que vai dar continuidade à discussão sobre o ensino superior indígena do Rio Negro e está previsto para acontecer na segunda quinzena de novembro. A iniciativa é da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro e Instituto Socioambiental, com apoio do Instituto Arapyáú.



Foto Adellson L. Silva/ISA

Gilberto Gil visita o Alto Rio Negro para gravar documentário

[23/05/2011 10:55]

Fonte: <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3337>

ISA, Beto Ricardo.

Encontros com indígenas em S. Gabriel da Cachoeira (AM) é a última etapa de captação para o longa metragem que deve estrear em 2012.

O compositor, cantor e personalidade pública global Gilberto Gil desembarcou em S. Gabriel no dia 18 de maio, última escala de gravação de um documentário para a produtora suíça Dreampixies, cujo nome provisório é *Connecting South, the new world according to Gilberto Gil* e tem a direção do suíço Pierre Yves Borgeaud, o mesmo de *Return to Goree* protagonizado pelo cantor senegalês Youssou N'Dour.

Durante uma semana vivenciou várias situações coletivas de interação filosófica e musical com comunidades e personalidades indígenas da região da Amazônia brasileira que é um verdadeiro planeta indígena, na qual vivem 23 etnias e se estende para a Colômbia e Venezuela.

Palestrou para os alunos, na maioria indígenas, do Instituto Federal do Amazonas (Ifam), e conversou longamente com Higino Tenório Tuyuka do Alto Tiquié, num final de tarde tendo como cenário o por-do-sol da pedra da Fortaleza, local onde outrora, no tempo do marquês de Pombal, foi construído um forte militar português.

Na “maloca do conhecimento” de Itacoatiara Mirim, localizada na zona peri-urbana de S. Gabriel, na beira da estrada que liga o aeroporto ao centro urbano, Gil esteve por duas vezes. Na primeira conversou longamente com o mestre da maloca Luis Laureano da Silva, que em 1992 liderou a migração de sua comunidade baniwa do Alto Rio Aiari para a periferia da sede municipal e desde 2005, com apoio do ISA, ergueu uma maloca com arquitetura tradicional e anima vários processos culturais com as 28 famílias residentes atualmente. Gil pode experimentar diferentes tipos de flauta.



Gil e o mestre de maloca Luis, diálogo com flautas de pan, conhecidas como cariçu

No sábado 21, Gil retornou à maloca de Itacoatiara e foi recebido com um dabucuri, tradicional ritual de boas-vindas, escutou discursos de várias autoridades, recebeu presentes, bebeu caxiri, posou pacientemente para inúmeras fotos e dançou-tocou cariçu. Encerrou cantando a capela *Esperando na Janela*, baião do sanfoneiro de Juazeiro do Norte, Targino Godin, acompanhado pelo cajón do percussionista baiano Gustavo di Dalva, há 18 anos na estrada com Gil.

No domingo, a trupe de Gil foi recebida pela comunidade multiétnica, com predominância baré, de Ilha das Flores, a 40 minutos de voadeira pelo Rio Negro, acima de S. Gabriel. Depois do almoço e de um dabucuri, Gil fez uma apresentação acústica na maloca da comunidade, com violão e percussão, incluindo *Banda Larga Cordel*, *Pela Internet*, *Tempo Rei*, *Esperando na Janela*, *Oração pela Libertação da África do Sul*, uma versão em tukano para *A raça humana*, cantada pela jovem da região, Sabrina Santos, autora de *Apelo* que também contou com Gil ao violão, encerrando com *Viramundo*, em coral com os comunitários.



Gilberto Gil ficou hospedado na sede do ISA e conversou com o blogueiro baniwa Ray e com Laise da equipe de assessoria do ISA

Hoje, Gilberto Gil vai conversar com a população de S. Gabriel na maloca da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), um dos pontões de cultura apoiado na sua gestão como ministro da Cultura, encerrando um giro que começou em Salvador na Bahia (carnaval, Filhos de Gandhi, jovens blogueiros do Mídia Étnica), Austrália (aborígenes da região nordeste da ilha-continente) e Johannesburgo e Pretória na África do Sul.



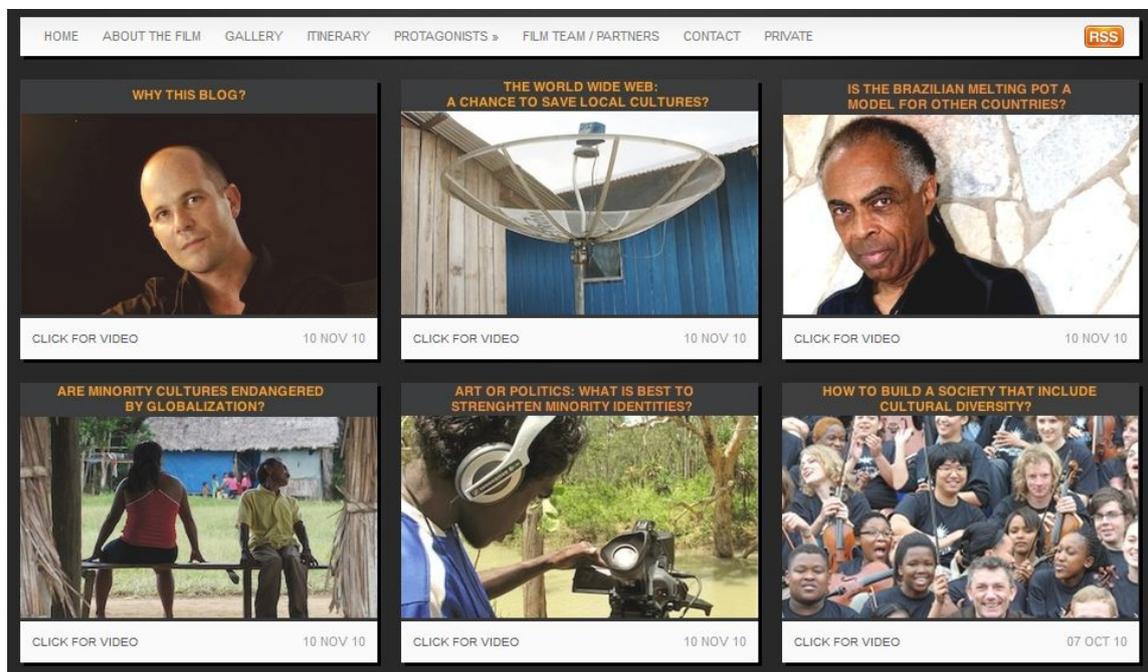
ConnectingSouth

«Connecting South – the new world according to Gilberto Gil», a documentary film directed by Pierre-Yves Borgeaud, produced by Dreampixies, Emmanuel Gétaz

Fonte: http://www.connectingsouth.com/?page_id=453

in Brazil, Amazonia

At the end of his journey, Gilberto Gil comes back to Brazil, in the heart of Amazonia, where he also finds threatened cultures.



Moisés and Luis Laureano

Luis Laureano is the leader of the Itacoatiara –Mirim community, based for the past 25 years near Sao Gabriel de Cachoeira (Amazonia). His son, Moisés, manages the «Cultural House of Indigenous Knowledge» which was created in 2008 to protect and pass on the traditions of the Baniwa Indians and the other peoples of the region. Moisés is the link between tradition and modernity, thanks to his films, which he broadcasts on internet. He is an example of the new cultural power of the periphery, which Gilberto Gil had aspired to help via access to new technology. He also represents the fragility of the Amazonian Indian cultures, which are in danger of disappearing.

Sabrina Santos

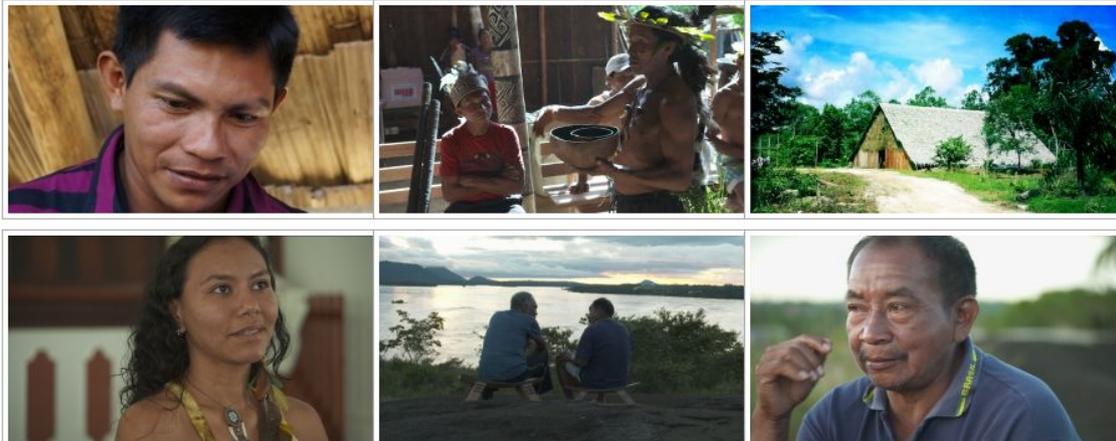
Sabrina Santos is a singer-composer based in Manaus.

Higino Pimentel Tenório

Higino Pimentel Tenório is one of the leaders of the Tuyuka, an indigenous group for centuries established in the Upper Negro River Region (Brazil and Colombia)

Pontos de Cultura

The *Pontos de Cultura* (literally Points of Culture), project initiated by the Brazilian government and Gilberto Gil when he was Minister, is a network of more than 1500 cultural centres across Brazil, from the favelas of Sao Paolo to villages far up the Amazon. The “architecture” of a hotspot is both structurally simple and broadly innovative. It is established with a broadband connection, infrastructure made of recycled equipment and, most important, technical workshops on open source audio and video editing software, enabling the cultural groups to digitize their creativity and publish it under alternative licenses. Minister Gilberto Gil affirmed that Digital Culture initiatives present a built-in revolutionary device, and are able to play a fundamental role in shaking away the inertia of the traditional politics that has excluded much of society from public life. Two hours by boat from Sao Gabriel de Cachoeira, a new centre is currently being set up on the Isla des Flores. This will be one of the most remote internet connection of Amazonia. [Network map](#)



NEWS:

We are in the editing process (release in Festival planned for May 2012). We have fantastic material!

Navegação das entradas

O filme de Luís

Por Alexandra Lucas Coelho/Atlântico-Sul

Fotografias de Jordi Burch/Kameraphoto

Fonte: <http://blogues.publico.pt/atlantico-sul/page/2/>, publicado no jornal (Público, 26-8-2011).



Luís teve uma ideia e até já envolveu Gilberto Gil nela. Quando, em Maio, o ex-ministro da Cultura passou uma semana em São Gabriel por causa de um documentário internacional, Luís fê-lo entrar no documentário que ele próprio inventou para divulgar a sua comunidade.

“Luís Laureano da Silva, mestre da maloca”, apresenta-se, baixinho e magrinho, sentado na caixa aberta de uma carrinha, numa estrada de terra nos arredores de São Gabriel.

Nasceu em 1947, num afluente do rio Issuna, entre a etnia baniwa. “Quilómetros não sei dizer quantos, mas são três dias para a gente chegar lá.” Em 1984, veio com um grupo para São Gabriel. “Lá é difícil. Não tinha sal, nem fósforo, nem sabão, só cascas de pau para lavar roupa. Onde morávamos era uma maloca para 10, 12 pessoas. Matava macaco, tatu, anta. Pescava tucunaré, surubim, ipacu, piranha. Comia tartaruga, jacaré.

Onça não come, ela come também cachorro, meu avô finado dizia que não pode cruzar. A gente come veado também. Formiga, a gente bota no tucupi.” O suco extraído da mandioca, depois de ferver para sair o veneno. “Um dia e uma noite no lume para ficar bonito.”

Nisto chegamos a Itacoatiara-Mirim, o nosso destino. Aqui se instalou a comunidade de Luís, hoje 30 famílias. “Itacoatiara é uma mistura de português com língua geral [índigena]. Meu pai finado é que pôs o nome no lugar.” Primeiro tinham acampado no aeroporto de São Gabriel, mas a fundação dos índios disse-lhes que era perigoso. Depois descobriram este terreno e a prefeitura comprou-o para eles.

Em 2010 começaram a ser feitas umas casinhas amarelas de pedra, ainda inacabadas. E mais para dentro estão as cabanas originais, palha entrançada no tecto.

A caminho da maloca central está Cecília, irmã de Luís, a lavar mandioca já descascada, uma bacia cheia. É a base de toda a alimentação indígena. Dá farinha, dá vinho, dá caldo, dá doce. “Tem que descascar, lavar e botar no ralador”, explica Cecília. Chão de terra batida, pés na bacia, remexendo. “Isso aqui é a nossa tradição.”

Quando fala conosco, fala português. Quando fala com o irmão, baniwa. Dentro da cabana, uma cama de ferro, uma rede, cestaria feita por ela. Em volta palmeiras, palhotas, uma paz.

Mas o irmão avança já para a maloca central que é o seu orgulho, uma enorme palhota de tecto maravilhosamente entrançado, e coberto com folhas de palmeira por fora. Chão de terra batida, colunas de madeira com pinturas, ao fundo frangos a assar.

Mito e cidade

Luís vai buscar uma pasta. Tira uma fotografia da Torre Eiffel. “Isso aqui, França. Eu conheci lá e apresentei minha cultura.” Um galo ciranda, a cantar. Uma avó vem vindo, com uma neta. É a mulher de Luís, chama-se Luzia.

O que são estes desenhos nas colunas de madeira? “Isso é pau-brasil e isso é desenho de ralo de mandioca”, explica Luís passando o dedo no desenho. “Daqui sai história grande, é um sapo vermelho virado homem. Antigamente era homem, todo o bicho foi homem. No começo do mundo era homem. Onça era homem.”

Na origem, crêem os índios, todos os animais são homens.

“Onde eu nasci, maloca era assim.” E ele quis construir uma igual, para mostrar aos novos. “Fico muito triste quando eles estudando não têm nada de respeito. Ele não quer escutar o pai dele, ajudar a mãe na roça, plantar abacaxi. Hoje em dia tem muita televisão, ele fica sentado em casa, não sabe preparar armadilha [para a caça]. Por isso sonhei fazer maloca assim.”

Moisés, o filho de Luís que é o realizador do documentário em curso, ainda fala baniwa, mas a neta não.

E agora Luís explica o que tem ao peito: “É um colar de dentes de onça, com um triângulo de alumínio para enfeite, e essa aqui é a fruta do tucumã, eu coloco aqui remédio caseiro contra a inveja. Vem o inimigo que quer fazer a guerra e já não fica com raiva. Isso é protecção.”

O colar é dos mitos mas as roupas são da cidade. Luís fundiu mundos, e por isso pensou num documentário feito pelos próprios jovens da sua comunidade. O ISA colaborou, a Petrobrás deu dinheiro, há câmaras, mesas de montagem, um “camaraman” vindo de São Paulo que funciona como formador.

A ideia de Luís, em suma, é usar a tecnologia para manter a tradição. Absorvê-la, como antes os índios absorviam o inimigo, devorando-o. De certa forma, a aplicação viva da antropofagia cultural lançada pelo poeta Oswald de Andrade, há quase cem anos.

E agora Luís tira cocares e colares de penas, chocalhos, flautas, que estavam penduradas numa coluna. Põe um chocalho num tornozelo, bate o pé no chão para mostrar uma dança. Explica a diferença entre as penas de arara e de papagaio.

Em 2010 levou a equipa de filmagem ao lugar das flautas sagradas. “Mas não filmaram elas, é muito proibido.” Tal como às mulheres. “Porque homem e mulher são separados. Homem é para fazer trabalho pesado, caça, canoa, para viajar, pescar, remar. Mulher carrega banana, busca mandioca, limpa a roça, faz farinha, faz comida, acorda de madrugada para fazer o mingau...”

A casa de Luís fica mesmo atrás da maloca, precária como todas, e sem casa-de-banho. “A gente toma banho no igarapé [canal] e as necessidades enterra num buraco.”

Uma vida que é e não é como há séculos, entretecida como as folhas de palmeira, só eles sabem como.

No escurinho da maloca, a estreia do documentário da música baniwa

[09/11/2011 10:06]

Fonte: <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3452>

ISA, **Adeilson Lopes da Silva**

O filme chama-se *Podáli: um documentário da música baniwa* e foi exibido em noite de gala na Maloca Casa de Conhecimento, na comunidade de Itacoatiara-Mirim, na zona periurbana de São Gabriel da Cachoeira, noroeste amazônico. Seus autores são os cineastas indígenas estreadores Moisés Baniwa e Paulinho Baniwa

Enquanto o mestre Luis Laureano cuidava dos últimos preparativos para a grande noite de estreia na Maloca Casa de Conhecimento, Luzia, sua esposa, circulava elegantemente com cuias de caxiri de cará e macaxeira, distribuindo-as aos parentes que vieram para ajudar na finalização de um dos últimos detalhes que faltavam: a pintura da parede da maloca. Lá dentro, Moisés Baniwa, o filho mais novo de Luis e Luzia, testava os equipamentos para que a projeção saísse perfeita.



Luzia serve caxiri na cuia a mestre Laureano e aos parentes que vieram ajudar



Maloca Casa de Conhecimento, em Itacoatiara-mirim, no dia da estreia

Assim, na noite da última sexta-feira (4 de novembro) estreou *Podáli: um documentário da música baniwa*, dirigido pelos estreadores cineastas indígenas Moisés Baniwa e Paulinho Baniwa. E reuniu cerca de 180 pessoas entre jovens indígenas, amigos e autoridades da região na imponente maloca que Luis e sua família ergueram na comunidade de Itacoatiara-mirim, e que tornou-se um ícone da vida cultural de São Gabriel da Cachoeira.

Para se ter uma ideia, logo depois da primeira inauguração, já passaram pela Maloca Casa de Conhecimento, os mais renomados pajés em atividade do Alto Rio Negro, importantes lideranças e intelectuais indígenas, além de autoridades não-indígenas como

os antropólogos Eduardo Viveiros de Castro e Manuela Carneiro da Cunha, o chef Alex Atala, o empresário e candidato a vice-presidente de Marina Silva, Guilherme Leal e, recentemente, Gilberto Gil, também gravando um documentário. ([saiba mais](#)).



Cena de uma das festas realizadas na maloca, por onde já passaram ilustres convidados.
Foto: Rogério Assis

O "segredo" das flautas enterradas

Podáali narra o processo virtuoso que a comunidade vem experimentando desde que decidiu retomar e valorizar práticas que só se materializaram com a construção da maloca. Tanto os anciãos quanto os jovens da comunidade se deram conta de que, mesmo vivendo na periferia da cidade, a maloca e os conhecimentos que ela permite experimentar são fundamentais para o viver bem no mundo de hoje.

Nesse contexto, realizaram, em outubro de 2010, uma viagem de reencontro com objetos sagrados mencionados na literatura antropológica como flautas e trompetes Kowai (Jurupari) e chamados *waferinaipe* em língua baniwa (em português, ancestrais, antepassados, avós). A comunidade os havia deixado submersos em igarapés do Rio Ayari, a jusante do Alto Rio Negro, de onde partiram para a cidade de São Gabriel há 25 anos, depois do último ritual de iniciação que realizaram.

A viagem foi registrada pelos cineastas indígenas e inspirou boa parte do documentário. Um dos desafios da equipe esteve relacionado ao “segredo” que envolve o som e a imagem das flautas, que são proibidas sobretudo para as mulheres baniwa e de outras etnias do Rio Negro. Raríssimos são seus registros sonoros. Durante a expedição ao Ayari foi preciso obedecer a um conjunto rigoroso de regras previamente acordadas entre todos em reuniões de planejamento que aconteceram na Maloca Casa de Conhecimento. ([saiba mais aqui](#)). ([veja também](#)).

Para Deise Lucy, etnomusicóloga do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas e parceira da iniciativa o documentário e o projeto como um todo demonstram que “a maloca e as iniciativas que ela vem estimulando são uma forma de atualizar a presença desta comunidade baniwa no mundo, abrindo e reforçando canais de comunicação e transmissão de conhecimentos numa dimensão vertical - no que diz respeito à relação com os ancestrais míticos e com as passagens dos ciclos de vida - e horizontal - no que diz respeito ao manejo das relações com os “outros”, com os parentes indígenas, e com o mundo dos brancos”.



Cerca de 180 convidados assistiram ao documentário na maloca

Depois de pelo menos 200 anos de forte repressão aos Baniwa, e aos outros 22 povos que vivem no Alto Rio Negro, a Maloca Casa de Conhecimento e as atividades que realiza vêm ganhando cada dia mais destaque entre as iniciativas de reafirmação e salvaguarda do patrimônio socioambiental dessa região, por estimular a música, os cantos, as danças, as narrativas, a cultura material e todo o universo sobre o qual ela atua. Tudo isso em intenso diálogo com o universo cultural mais amplo, incluindo o mundo dos brancos e de São Gabriel da Cachoeira, considerada a cidade mais indígena do Brasil.

Vídeo de Maloca

O processo de filmagem do documentário foi inspirado na iniciativa do Vídeo nas Aldeias, que prepara cineastas indígenas para a atividade audiovisual há pelo menos 25 anos no Brasil. Pedro Portella, um dos colaboradores do Vídeo nas Aldeias apoiou na definição de equipamentos e coordenou a primeira Oficina de Linguagem e Técnica Cinematográfica, sendo seguido por Petrônio Lorena, cineasta que se hospedou por uma

longa temporada na Maloca Casa de Conhecimento em 2009, para compartilhar seus conhecimentos sobre cinema com os Baniwa.



Moisés Baniwa verifica todos os equipamentos para que a projeção saia perfeita

Para completar o time de formadores, duas oficinas de edição foram coordenadas pelo fotógrafo e pesquisador Hans Denis Schneider. O resultado do investimento em formação que o projeto trouxe pode ser percebido no dia-a-dia de eventos importantes que acontecem em São Gabriel da Cachoeira, onde Moisés e Paulinho se destacam realizando a cobertura audiovisual. Para os jovens cineastas baniwa “agora é seguir gravando novos documentários e preparando outros parentes para a atividade aqui no Alto Rio Negro”. Ambos criaram a Vídeo de Maloca Produções, produtora pela qual

pretendem transformar o documentário num longa-metragem, incorporando um farto e importante material não utilizado nesta montagem de estreia, de 30 minutos. E já estão em busca de patrocinadores.

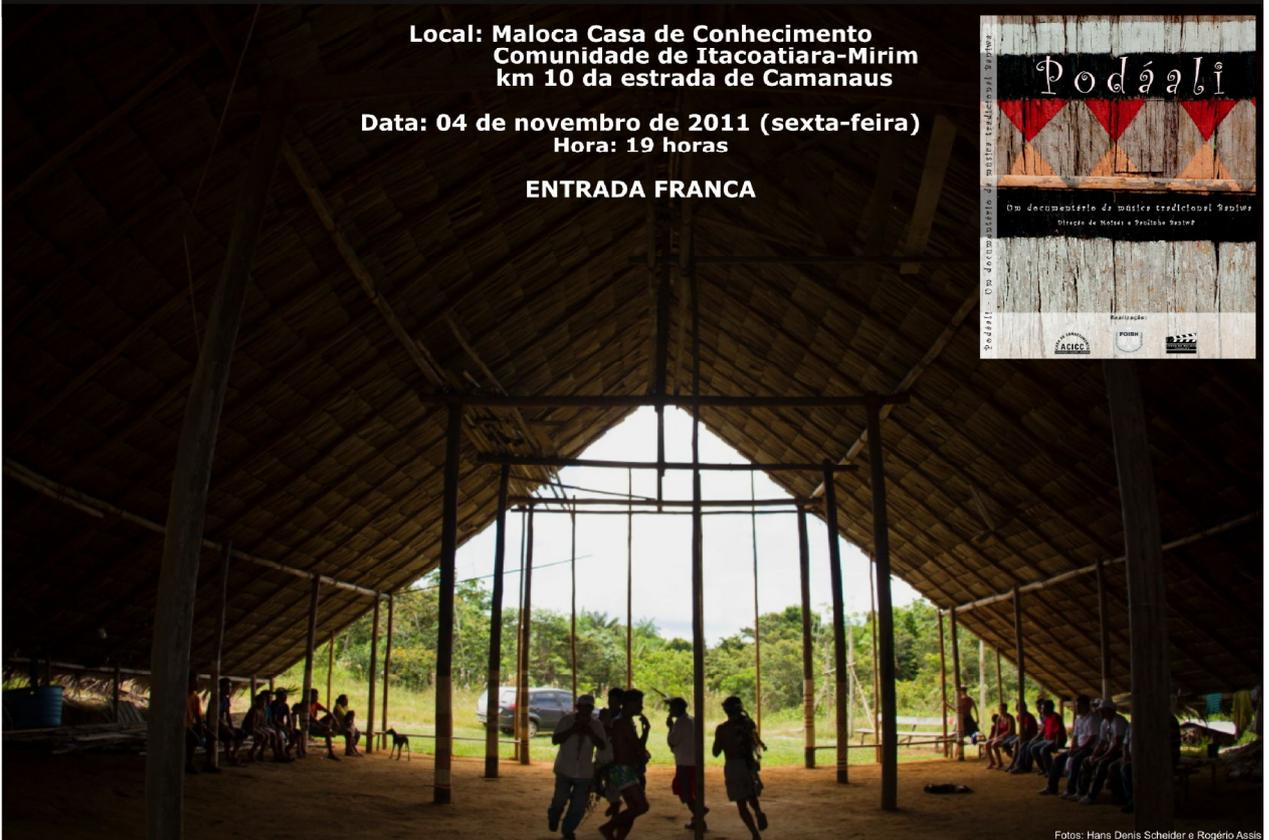
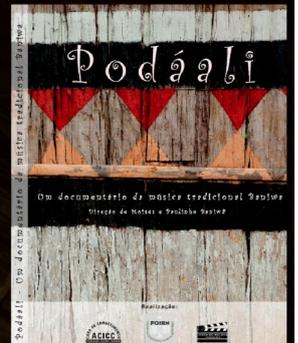
Mestre Luis Laureano abriu e encerrou a noite agradecendo a todos que colaboraram, em especial a Petrobras, através do Programa Petrobras Cultural (edição 2006/2007), patrocinador oficial da iniciativa até o final de 2011. O projeto é realizado pela Foirn (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e ACICC (Associação Cultural Indígena Casa de Conhecimento) e conta com a parceria do ISA (Instituto Socioambiental) e da Ufam (Universidade Federal do Amazonas) além de vários apoiadores individuais que conheceram o projeto e se sensibilizaram com ele.

FOIRN e ACICC
 convidam para a estréia de
"PODÁALI: um documentário da música baniwa"
 com direção de Moisés Baniwa e Paulinho Baniwa

Local: Maloca Casa de Conhecimento
 Comunidade de Itacoatiara-Mirim
 km 10 da estrada de Camanaus

Data: 04 de novembro de 2011 (sexta-feira)
 Hora: 19 horas

ENTRADA FRANCA



Fotos: Hans Denis Scheider e Rogério Assis



Realização:



Patrocínio:



Parceiros:



Apoio:



"Maloca e Música. Aspectos centrais da vida ritual dos Baniwa do Içana-Ayari, é a opção que faz uma comunidade indígena peri-urbana de São Gabriel da Cachoeira para reposicionar-se no mundo, expandindo-o, abrindo e reforçando canais de comunicação e transmissão de conhecimentos com os ancestrais míticos, com as passagens dos ciclos de vida, com os parentes e com o mundo dos brancos."